

ALAN RICARDO MARTINS DA VEIGA

**APÓCRYPHUS:
O EVANGELHO NÃO AUTORIZADO SEGUNDO JOSÉ
SARAMAGO**

PORTO ALEGRE

2015

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras

Área: Estudos de Literatura

Especialidade: Literatura Comparada

Linha de Pesquisa: Literatura, Sociedade e História da Literatura

APÓCRYPHUS:

O EVANGELHO NÃO AUTORIZADO SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO

ALAN RICARDO MARTINS DA VEIGA

Orientador: **Prof. Dr. GERSON ROBERTO NEUMANN**

Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2015

A Deus, por me conceder a luz do
conhecimento.

Aos meus pais, Leomar e Heroína, por me
incentivarem nas árduas batalhas da vida.

À minha irmã, Aline, por ser o sorriso
iluminador em momentos de densa
escuridão.

À minha noiva e futura esposa, Camila,
por ser a companheira que toca os
acordes do meu coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus por realizar meu grande sonho de estudar na UFRGS e me fortalecer em momentos de angústia.

À minha família e à minha noiva por entenderem meus momentos de ausência, e sempre incentivarem o meu aperfeiçoamento acadêmico.

Ao meu Orientador, Gerson Neumann, por apostar em um projeto escarpado, mas dar a ele um sabor marcante e nutritivo com sua valiosa parceria acadêmica.

À Banca Examinadora composta pelo meu Orientador, juntamente com as professoras Doutoras Lionira Komosinski, Márcia Ivana de Lima e Silva e Rita Lenira de Freitas Bittencourt por suas preciosas contribuições a este trabalho.

Às professoras Lionira Komosinski e Elizamari Rodrigues Becker por verem esse projeto engatinhando rumo à luz do conhecimento.

Aos professores Luís Augusto Fischer, Sara Viola Rodrigues, Rita Terezinha Schmidt, Elizamari Rodrigues Becker, Elaine Barros Indrusiak e Gínia Maria de Oliveira Gomes, por serem mestres que inspiram.

“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto.”

José Saramago

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma leitura contrastiva entre os escritos de cunho religioso do escritor português José Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, e os escritos tidos como sagrados pela cultura judaico-cristã: a Bíblia. A pesquisa visa, dessa forma, contribuir com uma leitura inovadora às análises já existentes das obras do autor. Além disso, procura evidenciar a relação entre Literatura e Religião, fazendo uso das teorias da Teopoética. A análise feita partiu do pensamento do próprio autor acerca do Romance, Literatura, História e Religião, mas também se remete à infância do autor em busca da compreensão do ambiente vivido por ele, bem como da educação por ele recebida. Logo, constata-se a ocorrência do sagrado em sua obra, mediante a aplicação do ateísmo ético e a associação ao conceito de apocrifia frente aos escritos religiosos. Em seguida, traça-se a evolução histórica da Bíblia, bem como sua relação com as teorias de Tradução e as possíveis ocorrências de desvios doutrinológicos sob o ponto de vista religioso, sob a observação de conceitos hermenêuticos e exegéticos. Na obtenção dos resultados, ressalta-se que alguns já eram esperados devido às leituras prévias realizadas; contudo, a maior parte deles é surpreendente do ponto de vista histórico-tradicional. Enfim, acredita-se na validade desta pesquisa, pois ela possibilita ao leitor, além de um comparativo, uma reflexão em busca da sua verdade pessoal.

Palavras-chave: Saramago; Humanismo; Evangelho; Teopoética; Apocrifia.

ABSTRACT

This thesis intends to present a contrastive reading among the writings with religious nature of the Portuguese writer José Saramago, *The Gospel according to Jesus Christ* and *Cain* with the writings consider sacred by the Jewish and Christian cultures: the Bible. The search aims, in this way, to contribute with an innovative reading to the analysis previous done about the author's books. Besides, let us seek to point the relation between Literature and Religion, using the theories of Theo-poetic. The analysis done started by the author's thoughts about Novel, Literature, History and Religion, but it also comes back into the author's childhood trying to comprehend his family environment, as well as the education received by him. Next, let us find the occurrence of the sacred in his work by applying the ethical atheism influenced by the humanistic philosophies and the association to the concept of apocryphal books in front of religious writings. After, let us present the historic evolution of the Bible, as well as, its relation with the Translation theories and the possible occurrence of doctrinal deviations from the religious point of view, under the observation of hermeneutical and exegetical concepts. In achieving the results, let us highlight that, some of them were expected due to the previous readings performed, however, most of them are surprising under the historical and traditional point of view. Finally, we believe in the validity of this research because it allows the reader, in addition to a comparison, a reflection in search of his personal truth.

Keywords: Saramago; Humanism; Gospel; Theo-poetic; Apocryphal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O QUINTO EVANGELISTA: DE SOUSA A SARAMAGO	16
1.1 JOSÉ DE SOUSA SARAMAGO	16
1.2 OS CADERNOS DE PEQUENAS MEMÓRIAS	18
1.2.1 As pequenas memórias	19
1.2.2 O caderno	21
1.3 O SAGRADO E O ATEÍSMO ÉTICO SARAMAGUIANO	24
1.3.1 O Sagrado em José Saramago	27
1.3.2 A imprescindibilidade do sagrado	29
1.3.3 O ateísmo ético	31
1.4 SARAMAGO: NARRADOR E ROMANCISTA HISTÓRICO	33
1.4.1 O Romancista Histórico	33
1.4.2 A História na Estória	37
1.5 O EVANGELISTA “ATEU” JOSÉ SARAMAGO	40
1.5.1 O cânon apócrifo	42
1.5.2 Ciclos narrativos	44
1.6 BREVE ENREDO DE <i>O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO E CAIM</i>	45
1.6.1 O Evangelho segundo Jesus Cristo	45

1.6.2 Caim.....	45
2 O EVANGELHO SEGUNDO A BÍBLIA	47
2.1 A BÍBLIA.....	47
2.2 A TRANSMISSÃO HISTÓRICA DA BÍBLIA	48
2.2.1 Histórico da Bíblia em Português	54
2.2.2 Teorias de Tradução e a Bíblia.....	55
2.3 CÂNON BÍBLICO	59
2.3.1 Formação	61
2.3.2 Livros Apócrifos, Deuterocanônicos e Pseudepígrafos	62
2.4 DOCTRINAS BÍBLICAS	64
2.5 A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E OS DESVIOS DOCTRINOLÓGICOS.....	67
2.5.1 A Hermenêutica	67
2.5.2 A Exegese	69
2.5.3 A Heresiologia	69
3 O (DES)EVANGELHO SEGUNDO SARAMAGO	71
3.1 TEOPOÉTICA: O CONFRONTO DE VERDADES.....	71
3.2 IN NOMINE DEI: O HUMANISMO x CRISTIANISMO	74
3.3 A TEOLOGIA DO ATEU.....	77

3.4 O CALEIDOSCÓPIO PROFANO DE <i>O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO</i>	79
3.5 A JORNADA DO JUDEU ERRANTE <i>CAIM</i>	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

“Uma história arquiconhecida”. É assim que Ferraz (1998, p. 17) define a trajetória de Jesus Cristo na Terra. Atrevo-me a classificar não só a sua vida, mas também a Bíblia em si como isto. Em todos os tempos “a literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que por qualquer outro livro...” (FERRAZ, 1998, p. 24 apud FRYE, 1973, p. 21). E é a partir da relação entre os estudos literários com os religiosos que “Apócrifus: O Evangelho não autorizado segundo José Saramago” nasceu.

A proposta apresentada neste trabalho é a análise comparada entre os escritos presentes nas linhas narrativas dos romances *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, ambos, do autor português e Nobel de Literatura, José Saramago, frente à coletânea de escritos tida como sagrada para a cultura judaico-cristã: a Bíblia.

Procura-se compreender a manifestação crítica de José Saramago ao credo adotado pelas instituições religiosas, assim como abordar a questão da função do romance histórico moderno, bem como indicar a influência da Bíblia no imaginário coletivo, fazendo-se, dessa forma, uma leitura contrastiva entre os escritos do português e a Bíblia.

Para se chegar a este objetivo, é necessário, primeiramente, apresentar quem é José Saramago, suas origens, sua educação religiosa, assim como suas contribuições literárias, políticas e religiosas que, como se sabe, têm parâmetros globais.

O período formativo do escritor Saramago será apresentado através dos “Cadernos de Pequenas Memórias”, mais precisamente no item “As pequenas memórias”, uma vez que a subseção “O caderno” trará o aspecto opinativo de

Saramago à tona em sua maturidade vivencial, onde o sábio, em uma espécie de Eclesiastes apócrifo, tece considerações sobre os mais diversos temas recorrentes ao mundo moderno.

Assim sendo, o conceito de reminiscências da memória conjuntamente com uma reflexão sobre tempo cronológico e espectro do tempo será apresentada, para se pensar nas memórias saramaguianas, e toda a sua obra, utilizando-se do “benefício da dúvida”, proposto por ele.

Apresentar-se-á um Profeta Saramago, que com voz veterotestamentária questiona os valores apregoados pelas religiões, e seus escritos sagrados, frente às práticas de seus fiéis.

Pressupõe-se que isto se deva à alienação historicamente imposta por alguns segmentos religiosos, assim como seus desvios de alguns preceitos apregoados por seus respectivos livros sagrados. Logo, tal constatação nos autoriza a afirmar a existência de uma discrepância entre o que é a religião em si, entendida como o conjunto de crenças que deve/deveria nortear a vida de seus fiéis, e a sua real aplicação prática na vida cotidiana.

Por conseguinte, há o surgimento do ateísmo ético na vida de Saramago, em que se tentará provar uma espécie de imprescindibilidade do sagrado na obra do autor.

Seu romance histórico, assim como seus respectivos pensamentos acerca de Literatura, História e Religião terão espaço para que se possa ter ao menos um vislumbre daquilo que se passava na mente do autor ao inserir crenças que diferem, por vezes, parcialmente, por outras, plenamente, e em outras ainda, além de diferirem, subvertem totalmente o texto dos Escritos Sagrados.

Após isto, tem-se a apresentação de um breve enredo, para que se tenha uma ideia do que é tratado nos livros do autor em foco, enfatizando-se sempre a estreita relação que ele estabelece entre História, Literatura e Religião.

A seguir, alerta-se os leitores deste trabalho que o assunto tratado será unicamente o Evangelho segundo a Bíblia, sem ainda correlacionar as Escrituras com o escritor português, este, objeto de estudo da terceira parte do trabalho.

Na segunda seção apresenta-se a Bíblia, de uma maneira mais geral, ou seja, abordando questões como a estrutura e seu processo de evolução histórica, legando-se assim, uma visão geral, para desta maneira, entrar-se nas especificidades pertinentes ao objeto de estudo desse trabalho dissertativo.

Na subseção “A transmissão histórica da Bíblia”, entende-se ser necessário fechar o espectro de estudo no histórico da Bíblia em Português, pois tanto o escritor abordado como as traduções bíblicas utilizadas são nessa língua.

Logo, deve-se incluir a relação entre a Tradução e a Bíblia, procurando demonstrar as principais formas de equivalência na hora de se pensar em traduzir um escrito tido como sagrado e, portanto, seguido por milhares de pessoas que se declaram fiéis a ele.

É aqui, também, que se ressalta o papel da Vulgata Latina que, a princípio, desenvolveu o Cristianismo na Europa, mas, por fim, acabou por retardar, obviamente aliada à filosofia da Igreja Católica, os processos tradutórios da Bíblia para as línguas modernas.

A seguir, como feito anteriormente com a obra saramaguiana, classifica-se o cânon bíblico judaico, católico e protestante, esses dois últimos, os principais ramos do Cristianismo atual e histórico. Nessa subseção encontram-se desenvolvidos os processos formativos que permearam a Bíblia, assim como as diferenças existentes entre os três principais cânones, e a consequente classificação dos livros que divergem entre si.

No término da segunda parte, encontra-se o subtópico “A Interpretação da Bíblia e os Desvios Doutrinológicos”. Nele, apresenta-se uma visão interpretativa sob uma óptica religiosa, abordando-se assuntos como Hermenêutica, Exegese e Heresiologia, ao contrário da primeira seção que possuía um caráter mais humanista.

A ideia desde o princípio era esta, uma primeira seção mais humanista, dessa forma, mais ligada às áreas de conhecimento de domínio geral da comunidade acadêmica. Entretanto, para a segunda escolheu-se uma visão mais religiosa para assim ocasionar um estranhamento no leitor, de certa forma, como acontece em um leitor que pela primeira vez lê um livro com o permeio de temática religiosa do escritor português.

Logo, na terceira seção, explicitada a seguir, dá-se a junção de ambas as visões, ocasionando assim, uma análise comparativa de textos com cunhos diferentes, mas essencialmente unidos pelas similaridades intrínsecas a eles.

Em “O (des)evangelho Segundo Saramago”, inicia-se logo com um item que procura desnudar tanto a Literatura como a Religião: ambas buscam pregar uma verdade ao leitor.

As duas semelhantes em estrutura, conteúdo, forma, mas discordantes no que tange ao aspecto filosófico, Literatura e Religião são irmanadas em “Teopoética: O Confronto de Verdades”. Em seguida, como no mito de Caim e Abel, ambas são separadas por “In Nomine Dei: o Humanismo x Cristianismo”.

Nesses dois itens, narra-se as fraternidades existentes entre elas até que o assunto “sagrado” seja posto em evidência. Nisso, ressalta-se a ruptura entre elas, mas a possibilidade de diálogo para que haja a escolha de uma verdade, ou então, a criação de uma terceira alternativa.

Em “A Teologia do Ateu”, mostra-se o motivo de se questionar ambas as verdades, sejam elas de ordem literária ou religiosa. Para isso, quebra-se o conceito de sacralidade tanto para uma obra laureada com o prêmio Nobel, como foi a do escritor português, assim como, a da Bíblia, enquanto código norteador da religião judaico-cristã.

No término do trabalho há a demonstração de “O Caleidoscópio profano de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*”, assim como, “A Jornada do Judeu Errante *Caim*”, onde enfim se dará o choque incestuoso das ideias entre as verdades apregoadas por humanistas e ateus.

A partir de tudo isto, quer se compreender a manifestação crítica de José Saramago, mas, acima de tudo, contribuir com mais uma inovadora leitura das obras de Saramago. Com isso, pretende-se demonstrar ser possível cotejar textos literários e bíblicos na medida em que há equiparação entre eles.

Desta forma, espera-se, seguir o conselho de José Saramago:

Sim, esta é minha posição, duvidar de tudo. Se há algo em meus livros que pode ser útil para o leitor, não é justamente que ele termine por pensar como eu penso, mas que consiga pôr em dúvida o que eu digo. O melhor é que o leitor perca essa posição de respeito, de acatamento ao que está escrito (AGUILERA¹, 2010, p. 255).

Fé x Razão, Humanismo x Cristianismo, Deus x Saramago, Mentira x Verdade. Leia, compare, tire as suas conclusões, porque o jogo Teopoético entre Saramago e a Bíblia inicia.

¹ A obra *As palavras de Saramago* compilada por AGUILERA reúne a coletânea de entrevistas, textos de caráter opinativo e palestras proferidas em fóruns do autor português José Saramago. Logo, todas as vezes em que a obra for referenciada constará a indicação do organizador, entretanto, seu conteúdo é inteiramente proferido pelo laureado português.

1 O QUINTO EVANGELISTA: DE SOUSA A SARAMAGO

1.1 JOSÉ DE SOUSA SARAMAGO

José de Sousa Saramago (1922-2010), filho de José de Sousa e Maria da Piedade, e neto de Jerónimo Melrinho e Josefa, foi e ainda é o maior escritor de língua portuguesa da segunda metade do século XX e início do XXI.

Sua relação com seus avós paternos em nada acrescenta a essa pesquisa, uma vez que “existir, existiam, mas não funcionavam. Ele chamava-se João de Sousa, ela Carolina da Conceição” (SARAMAGO, 2006, p. 56).

Sua máxima distinção foi o fato de ter sido até hoje o único escritor de língua portuguesa laureado com o Prêmio Nobel de Literatura (1998). Na ocasião do anúncio, a academia sueca, responsável pela premiação, o definiu como um escritor "*who with parables sustained by imagination, compassion and irony continually enables us once again to apprehend an elusive reality*" (NOBELPRIZE.ORG), ou nas palavras de Ludenbergue Góes (2010, p. 254), “para quem, com parábolas baseadas na imaginação, compaixão e ironia, continuamente nos permite entender uma realidade indefinível”.

Sua contribuição tange ao efetivo reconhecimento internacional da prosa produzida em língua portuguesa, o que denota, na imediata tentativa de qualificação da última flor do Lácio, pois nas palavras do autor “senti que através de mim, por aquilo que eu fiz, valha o que valer, de repente, aos olhos do mundo, a língua portuguesa, falada em toda a lusofonia, foi distinguida” (AGUILERA, 2010, p.333).

Saramago não só contribuiu literariamente, mas sua intervenção política e religiosa, bem como suas ideias tomaram um viés de proporção global, muito em vista, é claro, da personalidade que se aglutinou através do Saramago escritor.

Talvez a melhor definição de quem foi, ou melhor, de quem Saramago ainda é, através de suas obras, seja a do Jornal monárquico espanhol ABC que, após o anúncio do Nobel de 98, o definiu da seguinte maneira:

Um escritor é a procura de um estilo que unifique a sua obra. Saramago soube dotar a sua prosa de uma respiração inexorável e tenaz que atua sobre a linguagem com um ritmo lento, tecendo sobre o leitor a teia doce de uma ladainha. Nesse estilo que é forma e fundo ao mesmo tempo, música interior e fluxo sustido da primeira à última linha, reside a principal singularidade de uma obra que exerce sobre nós o mesmo poder de convicção da melhor poesia. 'Leiam-me em voz alta', recomendou Saramago aos leitores em mais de uma ocasião; quando seguimos este conselho, a sua literatura atinge essa nitidez solene e quase oracular das palavras que nasceram com vocação de eternidade (LOPES, 2010, p. 185-186).

Harold Bloom, discordante das opiniões políticas do autor luso, mas indubitavelmente, admirador da prosa legou uma assertiva que em muito agrega valor à obra dele:

Entre os mais recentes, o único Nobel bem atribuído foi o de Saramago, que o honrou mais do que o Prêmio o honrou a ele. Não há romancistas no Novo Mundo, Brasil, Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Austrália, mesmo na Europa Ocidental, tão modernos como ele. O Nobel foi tantas vezes dado a pessoas absurdas! (FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO).

O *Zeze* de Azinhaga talvez nunca tenha imaginado o patamar que iria alcançar um dia, por outro lado, experiências não faltaram para dar suporte à sua escrita.

Segundo o biógrafo João Marques Lopes (2010, p. 184), diferentemente da maioria dos anos anteriores, “a escolha de José Saramago era quase consensual e não levantou nenhuma polêmica nos meios literários internacionais”. Não sei se a afirmação acima pode ter a alcunha de verdadeira, visto que o escritor tem um inegável quilate de qualidade, entretanto, somente a origem de seu nome já é uma polêmica.

1.2 OS CADERNOS DE PEQUENAS MEMÓRIAS

Tendo em vista nos legar sua constituição psíquica de memória individual à noção de uma memória transindividual, José Saramago nos legou algumas obras de cunho memorialístico, como: *Os Cadernos de Lanzarote* (volumes I, II, III e IV) e *As Pequenas Memórias*.

Observando a concisão com que esse subtítulo deve ser abordado, limitei-me a apresentar apenas a segunda obra em conjunto com uma terceira, denominada *O Caderno*, que contém textos escritos pelo autor para o seu blog entre setembro de 2008 a março de 2009.

Contudo, ressalto a minha intenção de, no porvir, com o aprofundamento da pesquisa, inserir os quatro diários produzidos nas ilhas espanholas de Lanzarote.

Assim, almejo entender, ao menos, de uma maneira considerada razoável, o pensamento e as filosofias, bem como, os valores políticos agregados à escrita do laureado. Para isso, é necessário voltar às origens e ver como se deu a construção do caráter saramaguiano. Cá vamos para as pequenas, mas grandes memórias.

1.2.1 As pequenas memórias

Para encetar, o autor nos explica o porquê do título dessa obra, que a princípio se chamaria *O Livro das Tentações*, contudo nada teria que ver com os assuntos tratados nele: “*As Pequenas Memórias*. Sim, as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente” (SARAMAGO, 2006, p. 34).

Esta obra, destituída de rigor cronológico, concentra sua narrativa entre os quatro e os quinze anos da vida do escritor. Por não haver preocupação em estabelecer uma linha do tempo, como manda a História tradicional, Saramago empunha um espectro de lembranças que nos dão o vislumbre do seu período formativo.

Enquanto na dimensão linear do decurso da História as épocas e culturas conquistam e destroem umas às outras, na dimensão da memória elas se depositam umas sobre as outras em camadas e podem ser novamente reunidas e associadas entre si como reminiscências.

Logo, por questões teóricas, desaproprio-me do termo memória, para me apegar à palavra reminiscências, afinal, a veracidade das imagens mentais de um escritor que na época contava com 84 anos de idade e descrevia fatos de 70 anos atrás, são verossímeis, contudo, podem não ser a descrição fiel dos eventos sucedidos.

Primeiro, cabe ressaltar que de nascimento o autor era José de Sousa, contudo, parece-me que com a irônica intervenção de algum ser sobrenatural (que especulo ser Loki, deus da trapaça na mitologia nórdica), acrescentou-se Saramago ao posfácio de seu nome. O que, afinal, produz uma ironia agri-doce, pois saramago (com a mesma letra minúscula com que ele se refere ao Deus dos cristãos) é uma raiz que ao ser violada produz irritação na face e nos olhos.

Outro paradoxo reside no fato de que essa erva conhecida pelos judeus como “erva amarga” é utilizada durante a celebração de sua principal festa: Pessach.

Sobre o acontecido, José de Sousa, batizado em bacanal destino de Saramago, em tom humorístico, explica o burlesco episódio de seu registro:

Indo meu pai a declarar no Registro Civil da Golegã o nascimento do seu segundo filho, sucedeu que o funcionário (chamava-se ele Silvino) estava bêbado (por despeito, disso o acusaria sempre meu pai), e que, sob os efeitos do álcool e sem que ninguém se tivesse apercebido da onomástica fraude, decidi, por sua conta e risco, acrescentar Saramago ao lacônico José de Sousa que meu pai pretendia que eu fosse. E que, desta maneira, finalmente, graças a uma intervenção por todas as mostras divina, refiro-me, claro está, a Baco, deus do vinho e daqueles que se excedem a bebê-lo, não precisei de inventar um pseudônimo para, futuro havendo, assinar os meus livros (2006, p. 43).

Sua adolescência fora marcada da mesma forma como a transpiração de sua escrita, ou seja, cheia de dúvidas e certezas, pouco tanto das primeiras como das segundas. O autor, em tom humorístico, ainda assevera que: “devo ter sido eu quem inventou o chamado benefício da dúvida” (2006, p. 50).

Quanto ao escopo desta pesquisa, Saramago credita o abandono de sua incipiente educação religiosa o causo de seu sucesso no futuro. Sua mãe, como ele nos narra, era “céptica por indiferença, salvo nos últimos tempos de vida quando, já viúva, passou a frequentar a igreja com as amigas do bairro” (2006, p. 63).

Seu amor por mulheres, assim como a importância das personagens femininas em seus livros, é explicado pelas cenas de violência que presenciara em sua vida. Para o autor, isso o imunizara de tal forma que nunca levantou uma mão sequer para uma mulher.

O Zezito de Azinhaga (do árabe *as-zinaik* “rua estreita”) conta que em sua casa, em época de Natal, não havia o costume de armar presépios. Contudo, afirma que quem descia pela chaminé era o Menino Jesus.

Sua cosmovisão universal era ampla, pois “acreditava na pluralidade dos mundos, a questão estava em saber se haveria lá alguém” (SARAMAGO, 2006, p. 116). Isso nos dá margem para refletir que Saramago de fato supunha a existência de um mundo sobrenatural, todavia, não cria que existissem seres que o compusessem.

Um fato curioso narrado no livro, é que Saramago, em sua infância, e também em seu discurso de Nobel, exalta a sabedoria do avô Jerónimo. Quando pequeno, pensava ser o ascendente a pessoa de maior ciência no mundo, tanto que narra o seguinte fato: “poucos dias antes do seu último dia terá o pressentimento de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer” (2006, p. 120).

Jerónimo fizera isso metaforicamente, demonstrando que do campo, de sua casa, sairia uma raiz, que produziria frutos mais viçosos para a humanidade do que os que ele mesmo provaria.

Para finalizar seu livro e esta seção, Saramago ironiza com a crença cristã afirmando que “eu suspeito que no dia do Juízo Final, quando se puserem na balança as minhas boas e más ações, será o peso daquela maçaroca que me precipitará no inferno...”. Para quem se declara ateu, ser jogado no inferno é um golpe muito religioso.

1.2.2 O caderno

Nesse compêndio opinativo, Saramago se aventura sobre o terreno arenoso dos *blogs*, ocasionando assim a ausência de intermediários, é o autor e o leitor, unidos pela mesma indignação na convergência de um mundo melhor. Nada melhor do que *O Caderno* para um registro disso.

Evidentemente que selecionei citações que salientam as conexões que o português fazia entre Literatura e Religião, tendo em vista demonstrar sua tendência

ideológica. Porém, o livro discorre sobre os mais variados temas que vão desde a Livraria Cultura até o atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

No artigo intitulado “Perdão para Darwin?”, Saramago contesta a teoria criacionista, chamando-a de “aberração pseudocientífica”. Entretanto, há evidências científicas que provam o contrário, haja vista a existência da Primeira e da Segunda Lei da Termodinâmica, a Teoria da Biogênese e a Lei da Causa e do Efeito. Nesse mesmo texto, o laureado critica a Igreja Anglicana que, segundo ele, é uma “versão britânica de um catolicismo instituído” (2009, p. 21).

No dia 2 de outubro, no texto “Inimigos em Casa”, a Igreja Católica torna-se seu alvo novamente: “que a família está em crise ninguém se atreverá a negá-lo, por muito que a Igreja Católica tente disfarçar o desastre sob a capa de uma retórica melíflua que já nem a ela própria engana” (2009, p. 47).

Em “Deus e Ratzinger”, de 9 de outubro, Saramago repete uma famosa frase sua, e assim nos brinda com sua indagação metafísica: “Deus é o silêncio do universo e o homem o grito que dá sentido a esse silêncio” (2009, p. 56).

Sobre o “delicado” estado da fé católica o autor assevera que será essencial mostrar a existência de Deus, para que assim a Igreja se salve de sua morte, em suas palavras, mais do que previsível.

No prosseguimento de suas linhas, acusa o atual papa emérito de possuir um pensamento medieval que, segundo ele, condiz com a incoerência dos cristãos. Para o autor, “tudo é possível se o quer Deus. Com a imprescindível condição de que exista [...] Que Deus é eterno, dizem, e tem tempo para tudo. Eterno será, admitamo-lo para não contrariar o papa, mas a sua eternidade é só a de um eterno não ser” (2009, p. 58).

Na parte que trata “Deus como problema”, José Saramago aborda a história arquiconhecida de dois irmãos rivais: Islamismo e Cristianismo. Para ele, o “islamismo, na sua moderna versão fundamentalista e violenta (tão violenta e fundamentalista como foi o catolicismo na sua versão imperial) [...] Deus, sendo desde sempre *um* problema, é, agora, o problema” (2009, p. 70).

Após lançar meia dúzia de sentenças contra tudo e todos, o autor nos transmite mais um pensamento dúbio sobre religião:

A esse Deus não podemos arrancá-lo de dentro de nossas cabeças, não o podem fazer nem mesmo os próprios ateus, entre os quais me incluo. [...] Discutamos essa invenção, resolvamos esse problema, reconheçamos ao menos que ele existe. Antes que nos tornemos todos loucos (2009, p. 74).

Qual afinal é o problema: a existência de Deus ou o problema de segmentos da sociedade não reconhecerem a existência Dele? Um ateu que não se livrou do problema Deus.

Por outro lado, em “Receita para Matar um Homem”, observamos em Saramago um tom laudatório a um propagador e executor de valores cristãos: o pastor batista Martin Luther King. Segundo o português, “tinha as virtudes que sabemos, certamente alguns defeitos que não lhe diminuíam as virtudes” (2009, p. 110).

Diante disso, é possível afirmar que a questão chave em Saramago não são as pessoas em si, mas as instituições religiosas que influenciam o pensamento das multidões, coibindo-lhes, de certa forma, a liberdade intelectual. Outra prova é a amizade partilhada entre ele e o teólogo Juan José Tamayo.

Como bom defensor do Comunismo, Saramago é engajado na luta do povo palestino. Sobre Israel e o Holocausto ele afirma que “os judeus arranham interminavelmente a sua própria ferida para que não deixe de sangrar, para torná-la incurável, e mostram-na ao mundo como se se tratasse de uma bandeira” (2009, p. 159). Talvez deva ser por isso que Saramago e sua ferida (Deus) estejam sempre se digladiando entre si. Razões sobram para crer nisso.

Contudo, seu alvo preferido dentro do tema Cristianismo é o Catolicismo. Talvez, isso se deva ao fato de que mais de 80% da população portuguesa confesse

esse ramo aliado ao fato de ter sido expatriado de seu país concomitantemente à sua expurgação da Igreja Católica.

Em seu, no mínimo cômico, artigo “Vaticanadas”, sustenta que o luxo de cardeais e bispos escandalizaria até mesmo Jesus. Seus termos mais uma vez são fortes, pois nutre a ideia de que a classe clerical constitui-se em parasitas da sociedade civil, comparando a situação enfrentada pela Igreja com o *Titanic* moderno.

Justifica seu ateísmo nas palavras do teólogo alemão Hans Küng: “As religiões nunca serviram para aproximar os seres humanos uns dos outros”. O luso garante que “o planeta seria muito mais pacífico se todos fôssemos ateus” (2009, p. 189).

É constatável que religiões são falhas, contudo, entende-se que apresentam falhas porque são feitas e regulamentadas por seres humanos igualmente falhos. Logo, diante disso, pergunta-se que tipo de ateísmo é esse praticado pelo autor português?

1.3O SAGRADO E O ATEÍSMO ÉTICO SARAMAGUIANO

De acordo com a visão proposta por Giuseppe Galasso (1987), os embates entre ciência e religião mudaram de enfoque a partir do século XX. Enquanto na Idade Moderna a irreligiosidade (ou arreligiosidade) possuía o estigma de atípico na sociedade, agora é a atipicidade dela que passa a assinalar as convicções religiosas.

Nesse tempo, o autor citado elenca que a divergência religiosa era antes uma questão privada, agora a confissão é que ganha o *status* de pessoal. Contudo, para o autor, “a ideia de Deus voltou a encontrar-se progressivamente marginalizada do debate cultural”. (1987, p. 361).

Marcel Neusch (1977), por outro lado, considera que a partir da segunda metade do século XX encontramos-nos numa sociedade imersa numa era pós-ateia, que se caracteriza essencialmente pela descrença, indiferença e recusa a prática de Deus. Para ele, o dogma central desse ateísmo encontra-se na frase de Nietzsche: “Deus está morto”.

O autor compreende a História do ateísmo em três grandes momentos. O primeiro, conforme o classifica Marcos Aparecido Lopes (2013), seria um ateísmo considerado clandestino, e ao mesmo tempo discreto, visto que havia uma intrínseca ligação entre o religioso e o político. Logo, o risco de vida era iminente para aquele que se declarasse ateu.

O segundo momento é o da manifestação do ateísmo, conhecida como pública. Nesse tempo o papel do Iluminismo foi fulcral. A acusação ateia frente aos escritos religiosos é a hipótese de irracionalidade dos mesmos. É aqui que o ateísmo vira sinônimo de ideologia política, ao invés de perversão social.

A terceira etapa elencada por Neusch inicia no século XIX, baseada na filosofia de “O homem criador de Deus”. A ideia basilar é libertar-se o homem através de bases psicológicas, sociológicas e econômicas de uma ilusão causada pela religião, o que sustenta a intenção de uma emancipação humana mediante a negação da existência de um plano metafísico.

Para Neusch, vivemos em uma era de indiferença religiosa. Por outro lado, Jaime dos Reis Sant’Anna (2009) afirma que é a partir da segunda metade dos anos 70 que o estudo do sagrado volta a despertar na humanidade um sentimento de necessidade.

Em concomitância a isso, ele assevera que

o que [...] chama a atenção imediata dos leitores de Saramago, é a obsessão com que o tema religioso é constantemente abordado na obra do escritor português, e sua necessidade premente de encontrar alguma

resposta para justificar a insistência com que retoma o assunto em sua produção literária (SANT'ANNA, 2009, p. 41).

Sua voz ecoa em seus discursos ao se posicionar em favor das classes historicamente oprimidas pelos governos capitalistas, assim como, interpela as forças dos movimentos difusores das injustiças sociais. Suas reivindicações em muito se assemelham em tessitura aos profetas veterotestamentários, tornando-o assim uma espécie de profeta, em paradoxo vocabular, ateu.

A ocorrência constante do sagrado na obra do laureado é definida por Waldecy Tenório (1998, p.140), como “a indignação dos profetas e outras personagens bíblicas diante da injustiça”.

Sant'Anna faz uma diferença muito elucidativa da questão deísmo e ateísmo em Saramago. Segundo ele (2009, p. 47),

o deísmo é uma forma diferenciada de acreditar na existência de Deus. Para além de negar sua existência, o deísmo sustenta que após criar o mundo, cansou-se Deus dele, ‘deu corda’, como se fosse um brinquedo de movimentos mecânicos, e foi cuidar de outros interesses, de outros mundos, de outros ‘brincos’.

Para Stephen C. Evans (2004, p. 40), o deísmo é um

ponto de vista segundo o qual Deus criou o mundo, mas não o sustenta providencialmente. Em outras palavras, apesar de Deus existir, ele não interage com a criação. O termo é também usado para descrever a convicção de que a verdadeira religião é a religião natural fundamentada na razão e não em alguma revelação especial detentora de autoridade.

A questão primordial em Saramago é compreender se sua obra é fundamentada no ateísmo, enquanto proposição filosófica que nega o caráter existencial do Deus do Teísmo ou mesmo de outros seres considerados divinos, ou encontra guarida na filosofia deísta.

1.3.1 O Sagrado em José Saramago

Para princípio de conversa, religião é entendida como o conjunto dogmático e ritualístico praticado por instituições. Sagrado, por outro lado, é o fundamento da experiência que transcende os limites institucionais. Em decorrência disso, há grandes intérpretes da religião que se declaram ateus, assim como, um religioso que extirpa as mais belas tradições legadas pelas religiões.

Sagrado em sentido aberto é a área que emoldura a palavra poética em mistério e emoção, produzindo experiência corporal que evoca a expansão do pensamento. Logo, pensar o sagrado é superar as trincheiras confessionais.

No conjunto de obras saramaguianas transparece a estreita ligação entre elementos literários e sagrados. Obra considerada por muitos críticos como sua *Magnum Opus*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* eleva o autor à categoria de escritor-histórico para escritor-histórico/sagrado.

Em seu estilo irônico, mas dotado de considerações ferozes e venéficas ao Cristianismo, procura sempre ressaltar o caráter intolerante do Cristianismo na literalidade das Trevas humanas.

Sant'Anna (2009, p. 17) considera que “mesmo pensadores cristãos liberais, que reconhecem os méritos literários de José Saramago, não deixaram de registrar o desconforto causado por sua leitura nada ortodoxa, agora moderna, acerca da vida de Jesus Cristo”.

Visivelmente o texto do autor português revolve a mente humana num *tsunami* de ideologias que visam a inundar a mente do leitor com ondas de revisão consciente da História oficial.

Notamos que entre o início dos anos 80 ao início dos anos 90, o escritor transpõe a abordagem sutil para uma travessia selvagem que culmina na Arca de Noé de Caim, no que tange ao espectro de elementos componentes do sagrado.

Em Saramago temos a revisão histórica, não só conceitual, mas factual, mas também uma relação dialética convergente entre o espaço sagrado e o espaço profano, provocando assim a geração de um terceiro espaço, um mundo em que prevalece a utopia saramaguiana no desejo fremente da (re)construção de uma nova sociedade.

Ressuscito a ideia de que a relação entre Literatura e Religião dá-se inicialmente no plano linguístico, tanto quanto, no simbólico, haja vista que tanto a tradição literária como a religiosa apresentam um complexo desenvolvimento em torno das linguagens, sejam elas verbais ou não verbais, o que acarreta a existência de subjetividade, constituindo-se, assim, dois universos totalmente simbólicos que eventualmente se interseccionam.

Nesse universo, as imagens do Criador da tradição religiosa, assim como a do Escritor, iniciam seu processo ativo de atuação mediante a utilização do poder criativo da palavra. Concomitante a isso, há a história de que antigos rabinos, ao serem indagados acerca do que existia antes do estabelecimento da Criação, respondiam: “O silêncio”.

Mediante isso, a ideia de Sant’Anna (2009, p. 30) é pertinente à ocasião:

[...] os Escritores são semelhantes a deuses, criando espaços/paisagens, povoando-os de personagens à sua imagem e semelhança, determinando-lhes o destino por meio de um castigo ou de uma recompensa, proporcionando-lhes o sofrimento e a felicidade como redenção final, conforme lhe apraz a onipotente vontade.

Nisso, sustento a ideia da existência de um cânone saramaguiano, uma vez que o conceito corrente de cânone seja um conjunto de livros que discorram acerca de temas sagrados. Logo, a existência de um quinto evangelho, assim como outros livros em que a personagem deus/Deus seja recorrente, atribuiria ao autor português a condição de escritor de temas sagrados, colocando o destino de personagens à sua própria onipotente vontade de Escritor, com a alcunha de Criador de um universo singular.

1.3.2 A imprescindibilidade do sagrado

“Sem Deus minha obra ficaria incompleta” (AGUILERA, 2010, p. 126). Por incrível que pareça a frase da linha acima pertence a José de Sousa Saramago que, ao conceder uma entrevista a Eduardo Mazo com o título de “La Izquierda no tiene ni una puta idea del mundo”, proferiu tal declaração.

Recorro à metáfora com a uma pérola, pois as ciências biológicas nos ensinam que a pérola é produzida durante um incômodo produzido por um organismo, animado ou inanimado, na ostra. Nesse caso, entende-se como ostra o autor, o organismo estranho à sua cultura Deus, e as pérolas produzidas, os textos que advêm dessa estranha relação.

Nos *Cadernos de Lanzarote*, o autor vai além e declara que “há uma evidência que não deve ser esquecida: no que diz respeito à mentalidade, sou um cristão. Logo escrevo sobre o que fez de mim a pessoa que sou” (1997, p. 519).

Para Umberto Eco (1984), a expressão do sagrado na atualidade dá-se mediante a observação de duas maneiras. Na primeira, há aqueles que assumem algum tipo de religiosidade, geralmente sob o prisma institucional de linha tradicional. Na segunda, há aqueles que compactuam com filosofias ateias e

agnósticas, que se encontram na releitura de clássicos, aliada à astrologia, cabala e outros movimentos.

Na perspectiva de Eco, ateus como Saramago procuram novas alternativas de desvelar sua religiosidade frente à descrença no metafísico. Logo, infere-se que a procura por textos de temática religiosa, tanto de autores como de leitores, é a tentativa de se explicar a religião através da ciência, ora apontando-lhes acertos, ora procurando evidenciar possíveis contradições.

A obra de Saramago necessita do sagrado, pois ela é semelhante a um grande recipiente, mixado de ideologias, que aspira à expressão total, ou seja, seu romance é um universo literário que perpassa os limites generativos, pois incorpora pintura, poesia, drama, filosofia, ética. Assim, o romance saramaguiano abarca uma humanidade imersa em seu próprio labirinto de complexidades.

Para Antonio Carlos de Melo Magalhães (2011, p. 36), “a relação entre a tradição literária e a tradição religiosa passa necessariamente pelo valor simbólico que ambas investem em suas linguagens”. Logo, sua relação dentro da Academia, não só é saudável, como perfeitamente necessária ao entendimento de questões fundamentais para a humanidade.

Para o mesmo autor (2011, p. 37), “pela Literatura e pela Religião temos condições privilegiadas de refletir sobre nossos conflitos, ousamos confrontar o que para nós é mistério”. Condições tais, que Howard Gardner (1994) elencaria como um indivíduo dotado de Inteligência Existencial, pois o mesmo seria capaz de refletir e ponderar sobre questões fundamentais da existência.

Portanto, o texto literário, assim como o religioso, é responsável por lançar o ser humano numa jornada em busca de respostas. Mesmo que inconscientemente, ou sem o propósito de, o primeiro estimula a transformação, a alteração, o agitação da consciência humana. Logo, a Literatura se torna um terreno para sementes férteis frente aos estudos teológicos, assim como, a Religião tende a ser um objeto de caráter decisivo nos estudos literários.

A meu ver, a relação deveria ocupar-se com a correlação entre elas, sua interdependência, ou seja, até onde ocorrem as relações fraternas e onde acontece o choque incestuoso de ideias. Paradoxalmente, é imbricar-se dentro de um sistema, conhecê-lo, usá-lo, abusar dele, para, enfim, rompê-lo.

Mediante tal assertiva percebe-se na visão de Sant'Anna (2009, p. 73) que

em nossa perspectiva, a imprescindibilidade do sagrado na narrativa indica a obsessão de Saramago pela utilização da linguagem do mundo cristão, revelando a paradoxal necessidade de 'valorizar' os elementos da cultura cristã que, a um só tempo, imprimem a Portugal sua identidade e explicam os processos históricos responsáveis pela injustiça social e pelas diversas formas de intolerância.

1.3.3 O ateísmo ético

Saramago nega a existência do Deus judaico-cristão. Entretanto, coíbe toda a sorte de injustiças existentes no mundo, assim como nos é narrado nos Evangelhos que Jesus Cristo assim o fez. O laureado português com sua voz profética, ainda que ateia, era dotada de atitude literária, que aqui denominaremos de "ateísmo ético".

Filiado ao Partido Comunista Português (PCP) desde 1969, Saramago apresenta em suas obras aquilo que sua colega de profissão, Lídia Jorge, um dia definiu como um escritor com "visões marxistas da História" (LOPES, 2010, p.134).

Sua origem filosófica marxista nos ajuda a compreender a figura do ateísmo que se desnuda em Saramago. Logo, a ligação com o pensamento de Baruch Espinoza é quase inevitável.

O ateísmo ético proposto tem origem no ateu virtuoso, ou seja, aquele cidadão consciente das injustiças sociais e que possui uma conduta irrepreensível

frente à sociedade. Incluem-se portanto, pensamentos éticos em favor da liberdade de expressão, a busca incessante pela verdade, o que implica em honestidade intelectual e, acima de tudo, inimizade com a hipocrisia.

A partir das palavras de Tiago 1.27 (“A religião pura e imaculada, para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo” – Almeida Revista e Corrigida), depreende-se que a religião pura na visão cristã seria assistir os desfavorecidos em suas necessidades, logo, servindo de instrumento divino no suprimento das misérias humanas.

Assim, relembro o que mencionei acima, que o próprio autor declarou que “há uma evidência que não deve ser esquecida: no que diz respeito à mentalidade, sou um cristão. Logo escrevo sobre o que fez de mim a pessoa que sou” (1997, p. 519).

É de conhecimento comum que ateus notórios lutaram para preservar e estender direitos como a redução da jornada de trabalho, o fim da escravidão, o controle da usura, a reforma agrária, ou seja, todos os valores apregoados pelos escritos sagrados cristãos.

Por conseguinte, um ateu que indiretamente preserva e apregoa valores que estão em consonância com aqueles pregados pelas religiões judaico-cristãs deve ser chamado de *ateu ético*, pois corrobora com a fundamentação ideológica legada pelos escritos dessas respectivas religiões.

Dessa forma, entendemos que o agente motivador das críticas do ateu Saramago ao sistema apregoadas pelas instituições não sejam os valores em si, mas a aplicabilidade prática dos mesmos.

Finalmente, Marilene Chauí (1999) elenca duas atitudes que permeiam a ação dos ateus de orientação marxista. A primeira é uma espécie de anticlericalismo que encontra fonte na percepção histórica em que camadas do clero associadas aos opressores das classes populares sempre visaram explorar os desfavorecidos. A segunda, que reverbera a primeira, é puramente o ceticismo, esse, causado pelas contradições verificadas entre o conjunto de crenças frente à prática dos fieis.

1.4 SARAMAGO: NARRADOR E ROMANCISTA HISTÓRICO

1.4.1 O Romancista Histórico

1987. *O Memorial do Convento*, obra que impulsionou a carreira literária de José Saramago, havia sido publicada há cinco anos. Depois dela, vieram três livros que revisariam e marcariam a história portuguesa: *O ano da morte de Ricardo Reis*, *A jangada de pedra* e *História do cerco de Lisboa*.

Foi neste ano que um milagre na vida de Saramago aconteceu. Segundo as suas palavras, “milagre é uma ilusão de ótica absurda e inútil” (AGUILERA, 2010, p. 119). Contudo, voltando ao relato, o escritor em suas muitas visitas à jornalista Pilar Del Río, que então residia em Sevilha, “julgou ver numa banca de jornais o título ‘O Evangelho segundo Jesus Cristo’” (LOPES, 2010, p. 119). Nascia ali o Evangelho do Ateu.

Este episódio engraçado é também contraditório, porque se um milagre é uma ilusão de ótica, logo, o escritor vivenciou um, e se aconteceu realmente isto, é evidente que Saramago cria em coisas sobrenaturais, talvez até em Deus. Ele mesmo declara que “talvez Deus exista – eu não creio [...]” (AGUILERA, 2010, p. 123). Mas será que não cria mesmo? Se seguirmos a filosofia do nazista Goebbels (“Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”), especularemos que sua suposta mentira (Deus) pode ter se tornado realidade para ele, ou um vislumbre dela.

Para o autor, o ser denominado Deus é uma criação humana. Ele também afirma que “se o homem fosse imortal, não precisaria de Deus” (AGUILERA, 2010, p. 119), logo, podemos inferir que como o homem é mortal, então ele precisa de Deus.

O “ateu” Saramago, que duvida até do seu ateísmo, aparentemente convicto, mas incoerente em sua essência, deixa brechas de interpretação em seus discursos, pois ele declara que “esta é minha posição, duvidar de tudo [...]” (AGUILERA, 2010,

p. 255). Portanto, se a sua posição é duvidar de tudo, duvida até mesmo de suas crenças e de seus ideais.

Nisso, ressalto que além de o autor proferir frases que se contradizem, algumas informações dadas por ele também não são dignas de crédito, uma vez que suas declarações denotam um não tão convicto Saramago.

É irônico saber que aquele que adotou uma firme postura leninista-marxista histórica, ou seja, sua obra preocupou-se com aqueles que “fracassaram” ou que foram omitidos pela História, faça declarações de tal estirpe. Aliás, se a ironia marca a sua vastíssima carreira literária, também é notável uma irônica contradição de valores em seus ideais pessoais.

Certa vez, Saramago declarou que

se nós falarmos de ofensa, e penso que agora que estamos a comemorar os descobrimentos é bom lembrar que, quando as caravelas espanholas e portuguesas iam encontrar ou descobrir outros povos, povos que tinham suas religiões, suas crenças, acontecia sempre isto: em cada caravela ia um frade, que a primeira coisa que fazia quando encontrava essa gente era dizer-lhes: ‘Vosso Deus é falso e eu trago-lhes aqui o Deus verdadeiro’. Isto é também uma ofensa, **ninguém tem o direito de chegar ao pé de outra pessoa e dizer-lhe que o seu Deus é falso**. Em nome de quê? De que verdade? (AGUILERA, 2010, p. 121) (grifo meu).

Outra declaração que é similar a esta é: “Ninguém tem o direito de chamar o Deus do outro de falso e mentiroso” (AGUILERA, 2010, p. 122).

Concordo com os dois depoimentos acima, pois entendo que religião é discutível, diferentemente de crença, em que cada indivíduo possui a sua e ponto final. Entretanto, as declarações acima merecem um comentário especial, pois se ninguém possui o direito de dizer que o Deus de outra pessoa é falso ou mentiroso,

então por que Saramago insistia em dizer que o Deus dos cristãos era falso, e que acima de tudo, não existia?

Para Gerson Luiz Roani (2002, p. 16), o romancista histórico Saramago tem uma

narrativa densa e complexa [que] seduz o leitor, envolvendo-o nas artimanhas de urdiduras do texto romanesco, tornando-o participante do processo de ficcionalização [...] e transformando-o em cúmplice de um exercício irônico que infringe e subverte as formas e os valores tradicionais, tanto no âmbito da história, quanto no da ficção.

O mesmo autor ainda assevera que (2002, p. 17) o romance de Saramago

deixa de ser apenas o retrato de uma época ou uma mera crônica social, para se tornar ação. Seu objetivo não é distrair o público, mas sim agir sobre ele, provocando polêmica, reflexão e revisão crítica da história [...] a história se torna o próprio tema dos romances e não apenas um mero pano de fundo.

Seus romances, além de revisionistas históricos, visam a inverter a lógica do inconsciente coletivo humano, subvertendo valores em prol de uma utópica sociedade renovada a partir do princípio da solidariedade com as classes de poder subjugado. Suas ideias podem até ser libertadoras, mas carecem de um valor propositivo mais firme, o que, em certas vezes, no autor, leva à crítica pela crítica.

Lopes (2010, p. 215 - 216) declara que Saramago propõe “a ‘homerização do romance’, o retorno ao autor contra a substancialização do narrador e a relação ficção-história [...] Saramago não hesita em afirmar que ‘a figura do narrador não existe [...] só o Autor exerce função narrativa real na obra de ficção’”. Portanto, se o

autor dos livros declara isto, fica claro que suas ideias, além de contraditórias podem ser refutadas com teorias sólidas.

É necessário ressaltar que cada autor é diferente de outro, o que me leva à escolha de partir do pensamento do autor para saber o que realmente era Romance para ele, para enfim se chegar a um desejável entendimento daquilo que ele propunha. Então, abaixo estão elencadas algumas das considerações feitas pelo laureado português acerca do que é Romance para ele.

- “Não escrevo livros para contar histórias, só. No fundo, provavelmente eu não seja um romancista. Sou um ensaísta, sou alguém que escreve ensaios com personagens” (AGUILERA, 2010, p. 247);
- “No romance pode confluir tudo, a filosofia, a arte, o direito, tudo, inclusive a ciência, tudo, tudo. O romance como uma suma, o romance como um lugar de pensamento” (AGUILERA, 2010, p. 249);
- “Num romance cabe tudo, é uma tentativa de compreender o mundo. Que consiga ou não, é outra coisa” (AGUILERA, 2010, p. 249).

Diante das declarações de Saramago acerca disto, infere-se que para ele Romance é um espaço onde ideais são anunciados. Romance não é a história em si, mas a história contada sob um prisma idealizado, não de um narrador, nem de um narrador-autor, mas sim, de um autor que visa ao questionamento dos fatos contados, e tidos como verdadeiros até hoje, acarretando assim o silêncio dos menos favorecidos e da verdade plena.

Além disso, para Saramago a Literatura é uma aventura desprovida de função, ou seja, uma viagem pessoal sem limites ou restrições. A única implicação que traz consigo implícita é o questionamento da realidade, seja ela, passada, presente ou futura.

O autor não almeja que seus livros mudem o mundo, visto que não é a função, segundo ele, da Literatura, mas sim, anseia por levantar questionamentos e,

de certa forma, inculcar isso em seus leitores. Pois ele mesmo declara que (AGUILERA, 2010, p. 255) “se há algo em meus livros que pode ser útil para o leitor, não é justamente que ele termine por pensar como eu penso, mas que consiga pôr em dúvida o que eu digo.”.

Foi a partir disto que encontrei o mote para o trabalho que almejava. Partir de um universo particular, como é o saramaguiano, para a consequente expansão, que se daria a nível Teopoético, com a confluência de valores ideológicos que, a partir disso, nos darão ao menos uma luz daquilo que venha a ser uma verdade que possa ser aceita como verdadeira.

1.4.2 A História na Estória

Entende-se o termo **leninismo** ou **marxismo-leninismo** como a designação de uma corrente política que adveio com o escopo de romper politicamente com o economicismo da social-democracia europeia no começo do século XX. Portanto, se aplicarmos este conceito à História, inevitavelmente ter-se-ão conceitos que acarretarão em rupturas da visão burguesa dos fatos.

Este conceito está de acordo com o que Walter Benjamin (1996, p. 229) propõe, ou seja, que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.” O autor ainda afirma que (1996, p. 224)

articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo [...] o perigo é [...] entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.

Saramago, um “alguém que carregou sempre a virtualidade da anomia e da resistência à fossilização” (LOPES, 2010, p. 199), adere ao pensamento de que “[...] em rigor, a História é uma ficção. Porque, sendo uma seleção de fatos organizados de certa maneira para tornar o passado coerente, é também a construção de uma ficção” (AGUILERA, 2010, p. 253).

Logo, ao mesmo tempo, põe e não põe parâmetros entre um e outro, ou seja, para ele “a História não seria mais que a tentativa de introduzir coerência no caos dos fatos múltiplos de todos os dias” (AGUILERA, 2010, p. 255), ao passo que a Literatura “pode chegar a corrigir ou a emendar a História” (AGUILERA, 2010, p. 256).

É com este olhar multifocal, em que Literatura e História ora são confundidas, ora são visivelmente distintas que Saramago corrobora com aquilo que Jean Paul Sartre declara, que “a realidade quotidiana não é um simples pano de fundo, um pretexto, mas um trabalho urgente” (1969, p. 21).

Entende-se que o marxismo constitui-se como a concepção materialista da História. Logo, se tal linha de pensamento desconstrói os conceitos tradicionais de História, é necessário se fazer a distinção entre ambas de uma maneira bem didática:

Concepção historicista (tradicional)	Concepção materialista
O tempo é linear, dividido em segmentos iguais: a História é um <i>continuum</i> de pontos equidistantes.	O tempo não é linear e deve ser percebido qualitativamente.
O passado é uma imagem eterna a ser conhecida integralmente.	O passado que nos apresentam é parcial, fragmentado.
O estudioso deve despir-se de tudo para, objetivamente, conhecer o passado.	O estudioso projeta-se no seu objeto de estudo.
A História registra o progresso do ser humano, que está relacionado à sua	A História deve ocupar-se dos que fracassaram, procurando ver como

capacidade aperfeiçoamento.	ilimitada	de	poderia ser o presente.
--------------------------------	-----------	----	-------------------------

Não adotarei o prisma que visa a delimitar cegamente os parâmetros diferenciadores entre um e outro, até porque considero tarefa impossível, especialmente se nos depararmos com um texto saramaguiano. Contudo, as citações acima são para ilustrar que o campo de estudo é vasto e nem sempre os pontos indicados por uma teoria são aplicáveis aos textos de um autor. Por isso, insisto em ressaltar a ideia de se trazer à tona o pensamento do próprio autor.

Portanto, para confirmar que o laureado português, visivelmente defende ideais leninistas-marxistas, e reafirmando que nenhum texto está imune a ideais, estão elencadas abaixo algumas das citações que transmitem e corroboram a ideia de que o autor em questão seguia uma vertente “materialista” da História:

- “Não se trata de regressar ao romance histórico mas sim de meter o romance na História” (AGUILERA, 2010, p. 247);
- “Fora da História não há nada” (AGUILERA, 2010, p. 253);
- “O que eu quero é desenvolver homens vivos. A História soterrou milhões de homens vivos” (AGUILERA, 2010, p. 253);
- “A História é escrita sob o prisma masculino. Se fosse feita pelas mulheres seria diferente. Enfim, há uma História dos que têm voz e outra, não contada, dos que não a têm” (AGUILERA, 2010, p. 254);
- “Tudo o que somos, herdamos e transformamos para passar aos outros. Nesta perspectiva, toda a História é a História contemporânea” (AGUILERA, 2010, p. 254);
- “[...] o tempo não é a sucessão diacrônica, em que um acontecimento vem atrás do outro; o que acontece projeta-se numa imensa tela e tudo fica ao lado de tudo” (AGUILERA, 2010, p. 254);

- “A tarefa é [...] saber o que é que ficou sem ser contado, sem ser mostrado” (AGUILERA, 2010, p. 255);
- “[...] esta é minha posição, duvidar de tudo. Se há algo em meus livros que pode ser útil para o leitor, não é justamente que ele termine por pensar como eu penso, mas que consiga pôr em dúvida o que eu digo” (AGUILERA, 2010, p. 255).

Para encerrar esta parte, cito Carlos Reis (1995, p. 385) que afirma que “a Literatura está intimamente ligada ao movimento incessante da História, da Cultura e da Ciência”, ou seja, não há como dissociar a História da Literatura, e vice-versa, nos textos de Saramago, até por que o que não era considerado real passa a sê-lo após alguma criação literária. Exemplo disto, quem após ler o romance *O memorial do convento* e a História “oficial” de sua construção, não vai, mesmo que imperceptivelmente, lembrar-se de Baltasar e Blimunda?

Dissociar História da Literatura é a mesma coisa que separar Saramago de Deus, pois mesmo o escritor sendo ateu, deixou-nos a seguinte declaração: “Sem Deus minha obra ficaria incompleta.” (AGUILERA, 2010, p. 126). A laureada ironia perpassa as linhas do romance histórico para confluir na História.

1.5 O EVANGELISTA “ATEU” JOSÉ SARAMAGO

Salma Ferraz (1998, p. 27) considera que “há de se pensar que a teologia humanista de Saramago inicia-se com o ESJC², o que não é verdade, pois o gérmen está plantado por todos os seus livros anteriores”. Isto só demonstra que a

² As referências ao livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* assumirão a sigla de ESJC.

peculiaridade “Religião” começou como uma semente que deu frutos viçosos ao ateísmo do autor.

O teor humanista de seus escritos é evidente a começar pelos títulos de suas três obras de caráter religioso mais acentuado. Na primeira, cabe ressaltar que os títulos dos outros quatro evangelhos canônicos levam o nome do autor no título, ao passo que o seu leva o nome de Jesus Cristo. Outro fato reside na associação feita ao número cinco. Para a numerologia pitagórica, o numeral é representado pela cruz e seu elemento correspondente é o ar, o que nos remete à vida. Logo, é evidente que a humanidade de Cristo no “quinto” Evangelho seria demonstrada pelas angústias da vida até o destino negociado na cruz.

No segundo escrito, *In Nomine Dei*, há a escritura de um “evangelho EM NOME DO HOMEM e não mais EM NOME DE DEUS” (FERRAZ, 1998, p. 15). O Evangelho antropocêntrico de Saramago agora visa a questionar o ritualismo e os limites que há entre a aplicação dos mesmos.

Em *Caim*, 18 anos após a publicação do *Evangelho*, o autor atinge sua maioria religiosa com as imensas subversões feitas no enredo do livro ao imaginário popular.

Portanto, a “teologia do ateu” proposta por Ferraz (1998, p. 27) nada mais é do que o resultado de um questionamento de alguém que duvidava de suas próprias convicções. Por conseguinte, se a questão fundamental é duvidar, então a “teologia do ateu” não merece muita credibilidade, pois é duvidável também.

Como observamos, há a recorrência de tópicos que nos autorizam a legar um cânone saramaguiano com ciclos temáticos, por considerar o universo ficcional criado pelo laureado um espaço singular, que ora confluem-se temáticas, ora distinguem-se.

A palavra grega *kanon*, de origem semita, significa literalmente “vara de medir”. Para a literatura clássica adquire o significado de “regra, norma, padrão”. Ao referir-se à Bíblia, o vocábulo expressa segundo Esequias Soares (2002, p. 47), “a coleção de escritos reconhecidos como os únicos possuídos de autoridade

normativa para a conduta e a fé cristã”, ou seja, neste sentido, cânon não significa aquilo que mede, mas aquilo que normatiza e regulariza os escritos considerados sagrados em detrimento daqueles tidos como apócrifos, ou não inspirados. O termo “cânon” foi utilizado pela primeira vez para referir-se aos livros da Bíblia por Orígenes (185-254 d. C.).

Transpondo o conceito para o viés literário, cânon saramaguiano são aquelas obras que norteiam a conduta e a verossimilhança das personagens saramaguianas dentro do seu universo ficcional particular. Mesmo os escritos tentando modificar a conduta e alimentar a fé (ou a descrença) das pessoas, seu cânon ganhará o *status* de apócrifo por, obviamente, não fazer parte de nenhum conjunto de escritos cultuados por uma sociedade.

Para efeitos classificativos, o cânon apócrifo será dividido conforme o gênero textual em que a obra é agrupada. Na seção *Ciclos Narrativos* demonstrarei a existência cíclica completiva temática nas obras do autor.

1.5.1 O cânon apócrifo

Suas obras principais são:

Poemas	Os poemas possíveis	Provavelmente alegria	O ano de 1993
Romances	Terra do Pecado	Manual de Pintura e Caligrafia	Levantado do Chão
	Memorial do Convento	O ano da morte de Ricardo Reis	A jangada de pedra
	História do cerco de Lisboa	O evangelho segundo Jesus Cristo	Ensaio sobre a cegueira
	Todos os nomes	A caverna	O homem

			duplicado
	Ensaio sobre a Lucidez	As intermitências da morte	A Viagem do Elefante
	Caim	Claraboia	Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas
Ensaaios	Deste mundo e do outro	A bagagem do viajante	As opiniões que o DL teve
	Os apontamentos	Folhas políticas: 1976-1998	Discursos de Estocolmo
	Nas suas palavras / edição e seleção de Fernando Gómez Aguilera		
Teatro	A noite	Que farei com este livro?	A segunda vida de Francisco de Assis
	<i>In nomine Dei</i>		Don Giovanni ou O dissoluto absolvido
Contos	Objecto Quase		O conto da Ilha Desconhecida
Memórias	Cadernos de Lanzarote		As pequenas memórias
Viagens	Viagem a Portugal		
Infantis	A Maior Flor do Mundo		O Silêncio da Água

Neste trabalho dissertativo, farei uso de duas das obras que apresentam o caráter religioso mais acentuado, ou seja, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, a fim de atender à demanda prescrita em meu projeto. Com esse enfoque específico, poder-se-ia pensar também em *In nomine Dei*, entretanto, exclui-se este último da lista por ser uma dramatização, e não especificamente uma narrativa com estrutura nuclear de um romance, o que não nos permitiria a inclusão das falas de um narrador tipicamente *saramaguiano* (falas onde há a maior ocorrência do elemento sagrado) no *corpus* textual da dissertação.

1.5.2 Ciclos narrativos

Conforme a ideia de Lopes (2010), as obras *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, *A Caverna*, *O Homem Duplicado* e *Ensaio sobre a Lucidez* compõem um ciclo de alegorias que abordam questões como a expressão da distopia neoliberal influenciada numa ideologia de socialismo real, tendo seu tom enunciativo caracterizado pelo pessimismo, desencanto e um estado de abandono à razão por parte da sociedade atual.

O próprio Saramago, certa feita, asseverou que *A Caverna*, *Todos os Nomes* e *Ensaio sobre a Cegueira* formariam uma espécie de “trilogia involuntária” devido às semelhanças de eixos temáticos existentes entre os livros.

Entre 1995 a 2004, um espaço decorrente de nove anos, Saramago faz uso de seu talento para dar ênfase a questões peculiares à razão humana, dando-nos textos de caráter reflexivo-transformativos. Nesse ciclo, ainda se poderia pensar em *As Intermitências da Morte*.

O segundo ciclo atende à demanda da necessidade da revisão histórica não religiosa-secular. Nesse grupo, bem mais eclético que o primeiro, encontram-se os *best-sellers* *Memorial do Convento* e *O ano da Morte de Ricardo Reis*, assim como *A Viagem do Elefante*, abrangendo assim um período que vai de 1947 a 2009, em um total de 62 anos de abordagem.

O terceiro e último ciclo é o da revisão histórica religiosa. Nele encontram-se obras do quilate de *A Segunda Vida de Francisco de Assis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *In Nomine Dei* e *Caim*.

Entre 1987 e 2009, 22 anos, portanto, Saramago mescla uma peça teatral com um romance, duas vezes. Neles, objeto deste estudo, amadurecem suas ponderações religiosas de maneira a alcançar uma maturidade narrativa na *Barca de Deus* e na *Arca de Caim*.

Duas embarcações em terrenos aquosos. Uma ótima metáfora para resumir o terceiro ciclo narrativo de Saramago: ideias abarcadas no Humanismo num plano líquido ideológico. Nesse desafio de sobrevivência chamado de vida, melhor para quem subsistir ao dilúvio de confrontações de fundo racional-religioso.

1.6 BREVE ENREDO DE *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO* E *CAIM*

Por entender que os enredos dos dois livros, objetos de estudo desse trabalho, são tão bem apresentados por Lopes (2010) em sua biografia do autor português, opto por transcrevê-los abaixo em sua inteireza.

1.6.1 *O Evangelho segundo Jesus Cristo*

A criança nascera da carne de Maria e de José. José era um criminoso por omissão, um cúmplice da matança dos nascituros ordenada pelo rei Herodes, às voltas com a culpa e o remorso devido a não ter feito o mínimo gesto para avisar as outras famílias e só ter se preocupado com os seus. Jesus herdara a culpabilidade paterna, era em parte educado pelo Diabo disfarçado e vivia maritalmente com Maria de Magdala (Maria Madalena). Os milagres vinham truncados e o da ressurreição de Lázaro fracassara intencionalmente. E Jesus estava dominado por um Deus autofagicamente comprometido com a busca do poder infinito e com ele mantinha uma relação bastante atormentada e conflituosa (LOPES, 2010, p. 123-124).

1.6.2 *Caim*

[...] Caim frustra os planos divinos de criação de uma nova humanidade a partir da Arca de Noé e incrimina o Deus autoritário, cruel e vingativo do Velho Testamento por, entre outros caprichos, forçar Abraão a matar o próprio filho ou esquecer a salvação das crianças inocentes de Sodoma e Gomorra (LOPES, 2010, p. 172).

2 O EVANGELHO SEGUNDO A BÍBLIA

2.1 A BÍBLIA

A Bíblia é um livro antigo. Para alguns, infalível por sua natureza sacra, para outros um épico que narra a longa experiência religiosa dos judeus e dos primeiros cristãos convertidos.

Talvez nenhuma outra obra tenha o alcance mundial que a Bíblia possui, pois ela sempre esteve presente na história da humanidade, bem como suas histórias sempre tomaram parte no imaginário coletivo.

Suas normas e diretrizes ainda são seguidas por pessoas das mais variadas etnias e línguas, sendo, portanto, a matriz diretiva das religiões judaico-cristãs. Sua importância de âmbito mundial é representada por Steven Engler (2009) na quantidade de línguas para as quais já foi traduzida. Segundo o autor, seriam elas em torno de 2.500, e está claro, que a tendência é o número se expandir cada vez mais.

O vocábulo “Bíblia”, contudo, não está presente em nenhum texto de suas linhas narrativas. Sua única e exclusiva aparição deve-se ao fato de intitular o compêndio de livros, ou seja, em capas ou folhas de rosto.

Tal palavra é proveniente da língua grega, e é derivada do nome que os gregos davam à folha de papiro preparada para a escrita – “biblos”. Logo, um rolo de papiro pequeno era denominado de “biblion”, e vários destes eram chamados de “Bíblia”. Assim, a palavra “Bíblia” significa “coleção de livros pequenos”. De acordo com Antonio Gilberto da Silva (1995, p. 14) “é consenso geral [...] que o nome Bíblia

foi primeiramente aplicado às Sagradas Escrituras por João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, no Século IV da nossa era”.

Para o mesmo autor (1998, p. 20) a Bíblia “é a revelação de Deus à humanidade. Seu Autor é Deus mesmo. Seu real intérprete é o Espírito Santo. Seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo”. Para Ronald F. Youngblood (2004, p. 207), é o “livro sagrado, ou coleção de livros, aceito pela igreja cristã como inspirado por Deus, e, portanto, dotado de autoridade e responsável por fornecer as diretrizes para a fé e o comportamento cristão”. E, de acordo com Esequias Soares (2002, p. 45) a Bíblia é “o instrumento moral estabelecido por Deus para aferir a nossa conduta diante de Deus, diante da pátria e diante da família”.

Mediante isto, depreende-se que a Bíblia Sagrada, para os cristãos, é o código de ética divino para a humanidade. Ética deve ser entendida de acordo com aquilo que Stephen C. Evans (2004, p. 52) define: “ramo da FILOSOFIA que lida com as questões de certo e errado [...]”.

Diante de sua importância nas mais diversas áreas, principalmente, no que toca sua veracidade mediante os inúmeros processos interpretativo-tradutórios que ela sofre, considero necessário uma explanação sobre a trajetória e a evolução histórica da Bíblia.

2.2 A TRANSMISSÃO HISTÓRICA DA BÍBLIA

Como todo texto do gênero épico-sagrado, a construção bíblica tem sua origem primária na comunicação oral. Segundo Ellen G. White (2007), há registros que apontam que os primeiros 2.500 anos da história judaica, bem como suas informações de cunho religioso e tradicional se propagavam através da oralidade.

Segundo a tradição judaica, o primeiro grande escriba israelita que se preocupou em transformar a oralidade do povo em registro escrito foi Moisés. E segundo o livro de Êxodo (34.27), o próprio Deus teria dado tal ordem ao líder.

Se tomarmos o exemplo do Novo Testamento, o próprio Evangelho pregado por Cristo, primariamente, assumiu a forma oral, para depois, com relatos de terceiros, se tornar escrito.

Logo, depreende-se que a Bíblia, em sua forma original continha relatos orais de elementos sagrados que influenciavam no cotidiano de pessoas que buscavam seguir as tradições de seus antepassados. Estima-se que a compilação de todos os livros canônicos tenha durado por volta de 1.600 anos, pois se calcula que Moisés teria escrito o Pentateuco em meados do século XVI a.C., enquanto o Apocalipse tenha sido redigido em 90 d.C.

As cópias mais antigas do Antigo Testamento (AT) de que ainda se tem conhecimento são os Targuns. Eles são traduções com comentários do AT para o aramaico, haja vista que se considera o hebraico como a língua original de escrita do Velho Testamento. Além disso, os primeiros escritos vertidos para outra língua tendo como ponto de partida os originais são denominados de *Tanakh*.

Tanakh, para efeitos explanatórios, é o acrônimo judaico que designa as três subdivisões da Bíblia hebraica. A primeira, denominada de *Torá* (ou Lei) significa “ensinamento”. Na segunda *Neviim*, encontram-se os profetas. Já a terceira, *Ketuvim*, é reservada para os “escritos”. Além de a Bíblia ser utilizada por judeus, é também, a parte correspondente ao AT dos protestantes³.

Os *Targuns*, por outro lado, também podem ser considerados uma espécie de originais da Bíblia, pois sua parte traduzida acompanha o texto em hebraico. As primeiras edições desses exemplares surgiram aproximadamente a partir do ano 538 a.C., na ocasião da libertação do povo judeu do cativeiro babilônico.

Outros escritos que estão em voga, quando o assunto são os estudos bíblicos, são os Manuscritos do Mar Morto. Tais escritos compreendem uma coleção

³ Esta afirmação será explicada em seus pormenores no item 2.3 CÂNON BÍBLICO.

de centenas de textos e fragmentos bíblicos encontrados nas cavernas de Qumran (Israel), nas décadas de 1940 e 1950.

Sabe-se que foram compilados com visões doutrinárias essênias⁴ e que foram encontradas porções de todos os livros da Bíblia Hebraica, com exceção dos livros de Ester e Neemias. Atualmente, encontram-se armazenados no Santuário do Livro do Museu de Israel, localizado na cidade de Jerusalém.

Sua importância é medida pela datação do achado nas cavernas israelitas, pois se afirma serem cerca de mil anos mais velhos que o manuscrito completo mais antigo do *Tanakh* - o Códice de Leningrado, compilado em 1008 d.C.

No que tange aos manuscritos do NT que, diga-se de passagem, são mais abundantes do que os do AT em termos numéricos, pode-se destacar o Códice Sinaítico, que Wilson Paroschi (1999) declara ser o manuscrito mais antigo que contém toda a relação de livros conhecidos hoje como o Novo Testamento.

Constantin Von Tischendorf foi o autor da descoberta, primeiramente em 1844 e, depois, em 1859. Supõe-se que tenha sido escrito originalmente no Egito, com grande probabilidade de ter sido em Alexandria no século IV d.C. Nos dias atuais está em exibição no Museu Britânico de Londres.

Habemus que destacar, com o perdão do trocadilho, o Códice Vaticano que possivelmente, também, foi escrito em Alexandria e igualmente no século IV d.C. Sabe-se que, atualmente, encontra-se na Biblioteca do Vaticano e que foi publicado pela primeira vez em 1857.

Há ainda o Códice Alexandrino, presente ao patriarca de Alexandria em 1078 d.C.; o Códice Washingtoniano que, atualmente, encontra-se na capital americana; o Códice Efraimita, um palimpsesto que continha a Bíblia em grego; o Códice Beza,

⁴ Os essênios eram uma seita monástica e ascética que vivia no deserto da Judeia às margens do Mar Morto. Eles eram uma comunidade religiosa notada por sua disciplina rígida e por se isolarem dos que não adotavam o seu *modus vivendi*.

manuscrito bilíngue (grego e latim) do NT; e o Códice Claromontano que segue o parâmetro bilinguístico do anterior.

Após todo esse apanhado de informações, fica claro que, antes da invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, a propagação da Bíblia nas línguas originais decorreu especialmente de cópias feitas à mão.

Diante da existência de diferentes traduções e interpretações de que hoje dispomos, há uma constante busca pela unificação textual da Bíblia, o que nos conduz à procura pelo Eldorado do original bíblico.

Com relação ao AT, o Texto Massorético, segundo a Crítica Textual, é o documento mais completo a trazer todos os livros do cânon hebraico e, atualmente, são a base de estudos textuais comparativos dessa parte da Bíblia.

Com relação à abordagem de unificação textual do NT, verifica-se a existência de dois textos que tentam atender a proposta. O primeiro é o *Textus Receptus*, que foi utilizado como fonte nas traduções dos NT de exemplares bíblicos após o advento da Reforma Protestante.

A segunda propositura é denominada de *Texto Crítico*, pois aglutina textos que não haviam sido adicionados ao *Textus Receptus* em seu corpo textual. A edição mais usada atualmente é a Nestlé-Alland que, vinculada com a Universidade de Münster, atualmente está na 28ª edição, de 2012.

E se atribui a Martinho Lutero o mérito de hoje podermos ter a oportunidade de ler a Bíblia em nossas línguas maternas, além de podermos escolher entre as variadas traduções existentes nos dias atuais, haja vista que, tanto o hebraico, língua original do AT, quanto o grego do NT, são línguas faladas por uma minoria conjunta de aproximadamente 20 milhões de pessoas, considerando-se dados de L1 e L2⁵. Em um mundo de mais de 7 bilhões, ao contrário da Bíblia, tais idiomas não possuem nem a pretensão de alcançar a alcunha de mundial.

⁵ L1 é entendida como a Língua-Mãe (Língua Nativa) ou Primeira Língua e L2 como Segunda Língua ou a Língua Aprendida após a L1.

Algumas traduções merecem destaque por seu pioneirismo, outras por seu acabamento final. Mas todas ajudaram a escrever a história da trajetória da Bíblia até os dias atuais.

A primeira delas, e talvez a mais famosa seja a Septuaginta. Essa tradução, também conhecida como Versão Grega tem como objetivo atender à demanda judaica vivente em Alexandria, e que, portanto, falava grego. Seu nome deriva-se do fato de ter sido o Pentateuco redigido por cerca de 70 anciãos israelitas.

A versão siríaca (também chamada de aramaica), ou Peshitta, que significa versão “comum” ou “simples”, foi elaborada por judeus ortodoxos ou judeus que posteriormente se converteram ao Cristianismo.

A versão gótica ou A Bíblia de Úlfilas, traduzida pelo bispo Úlfilas da Capadócia, teve por objetivo a evangelização dos ostrogodos que viviam ao norte do rio Danúbio. Cabe ressaltar que a versão gótica foi a primeira tradução da Bíblia para uma língua germânica.

Com menor destaque, também, poderíamos mencionar a versão copta traduzida para o Egito. Segundo nos consta, até os dias de hoje a igreja de língua copta no Egito utiliza uma versão dessa tradução.

E para terminar a parte das traduções antigas, jamais poderia ser esquecida a Vulgata Latina. Sua necessidade existencial se deve ao fato de que a partir do século II d.C., passa a ser o latim a língua predominante do império romano, substituindo o grego que outrora dominava as preferências. Jerônimo de Estridão, autor da árdua tarefa, é responsável por levar o Evangelho bíblico até a Europa ocidental, pois sua tradução atingiu o *status* de versão padrão naquela parte do mundo por vários séculos.

Se por um lado, a Vulgata tornou-se a versão “oficial” da Bíblia pregada pela Igreja Católica, por outro, acabou por impedir a profícua expansão dos processos tradutórios da Bíblia.

Contudo, com o ideal defendido pela Reforma Protestante de que todos os fiéis tinham o direito e o dever de examinar as Escrituras, o que incluía a análise das

mesmas em sua língua de domínio, traduções da Bíblia para as línguas consideradas modernas começaram a intensificar-se. Claro que, aliado a isto estava a já citada invenção da imprensa.

Nisso as traduções no período reformista que mais se destacaram foram: a tradução de John Wycliffe, para o inglês em 1380; a de William Tyndale, novamente para o inglês em 1526; a de Jacques Lefevre d'Étaples para o francês em 1530; a de Martinho Lutero para o alemão em 1534; a de Cassiodoro de Reina de 1569 com revisão de Cipriano de Valera em 1602 para o espanhol, atualmente conhecida como Reina-Valera; a de Giovanni Diodatti para o italiano em 1607; e a King James Version encomendada pelo rei James da Inglaterra em 1611.

Em termos lusos, há que se mencionar que houve algumas tentativas de traduções parciais da Bíblia, como alguns livros ou capítulos, entretanto, a história da Bíblia na língua camoniana começa efetivamente com João Ferreira de Almeida.

Seu grande diferencial foi ter a ideia de partir das línguas originais, ao contrário de seus antecessores que partiam da Vulgata. Seu NT foi publicado em 1681. Entretanto, como dez mais tarde, Almeida morreria, seu colega Jacobus op den Akker foi quem terminou sua tarefa de traduzir o AT. Seu texto, além de ser o precursor da Bíblia em língua portuguesa, é até o dia de hoje utilizado pela maioria das pessoas que professam a fé protestante.

Destaco também as traduções de Antônio Pereira de Figueiredo de 1790 e Mattos Soares de 1932, ambas baseadas em textos da Vulgata Latina e de orientação católica.

Em solo brasileiro, a primeira tradução inteira realizada data de 1917 e é conhecida como Tradução Brasileira da Bíblia. Outras famosas traduções da Bíblia em Português são: A Bíblia Viva de 1981; A Tradução na Linguagem de Hoje de 1988, posteriormente relançada como Nova Tradução na Linguagem de Hoje em 2000; A Nova Versão Internacional de 2001; e a Bíblia de Jerusalém de 1981 e revisada em 2002.

Saindo do âmbito católico-protestante há as seguintes traduções: do Novo Mundo das Escrituras Sagradas de 1986 sob a orientação das Testemunhas de Jeová; a Tradução Ecumênica da Bíblia de 1994; e a tradução de David Harold Stern de 2010 com o título de Bíblia Judaica Completa.

Com isso, quer se demonstrar que o que começou como uma história de Adão para Sete, ou seja, de pai para filho, hoje é o documento histórico-religioso mais lido da História, e que ainda influi em decisões jurídicas, sociais e, obviamente, religiosas.

2.2.1 Histórico da Bíblia em Português

No princípio da tradução da Bíblia para o português era o rei D. Diniz (1279-1375) o tradutor. E o tradutor baseado na Vulgata Latina de Jerônimo traduziu os vinte primeiros capítulos de Gênesis. Estava aí o prenúncio do início de uma tradução da Bíblia para o Português.

Logo após, o rei D. João I (1385-1433) ordenou a tradução dos Evangelhos e dos Salmos. Frei Bernardo, no século XV, verteu o Evangelho de Mateus para a língua lusitana. Em 1495, a rainha Leonor (consorte de D. João II) mandou publicar o livro *Vida de Cristo* (espécie de coletânea harmônica dos Evangelhos). Em 1505, ela imprimiu a tradução de Atos e das Epístolas Universais.

No entanto, a mais famosa e, ainda corrente, tradução da Bíblia para a língua portuguesa remonta a João Ferreira de Almeida. Sua atuação no ato de traduzir é tão importante que ele foi o primeiro a verter o texto bíblico em Português tendo como partida as línguas originais, ou seja, o hebraico e o aramaico do Antigo Testamento e o grego do Novo Testamento.

Almeida, ministro e membro da Igreja Reformada Holandesa, residente em Batávia (atual Jacarta, capital da Indonésia) foi o primeiro a traduzir o Novo

Testamento em sua forma integral em 1670. Onze anos depois, ele foi impresso em Amsterdam, exatamente cem anos antes da primeira edição católica da Bíblia.

O AT foi traduzido por Almeida até o livro de Ezequiel 48.21, quando, este veio a falecer em 1691. Então, Jacob Opden Akker, amigo do tradutor, chefiou uma equipe para o término da tarefa. Seu AT foi publicado em 1753, novamente em Amsterdam.

Segundo Silva (1995, p. 91) Almeida “utilizou também as versões holandesa (de 1637) e a espanhola (de Valera, 1602)” para ajudá-lo na complicada tarefa de traduzir a Bíblia diretamente de suas línguas originais.

2.2.2 Teorias de Tradução e a Bíblia

A Bíblia como representante máxima da literatura judaica não tem, ao menos em terras brasileiras, recebido o tratamento “literário” que lhe é devido. Têm-se referências científicas que afirmam não existir cunho científico-literário nos textos bíblicos. Entretanto, se feita somente uma análise minuciosa do livro de Salmos, este revelará as belezas ocultas da Literatura e toda a poesia que destila de suas águas sedentas por navegadores desconhecidos.

Em concomitância ao afirmado acima Mauri Furlan (2004, p. 3) assevera que “a Bíblia [...] ainda que tenha sido escrita por inspiração divina, é um livro histórico e deve ser investigado também enquanto literatura e língua num tempo e espaço dados”. Logo, desconsiderar a Bíblia como um objeto de estudo dentro da Academia é simplesmente jogar às traças a história de uma personagem histórica que dividiu a História entre o que aconteceu antes e depois dela.

Numa abordagem com uma finalidade mais precisa e estrita, Benedito Gomes Bezerra (2011, p. 500) afirma que “do **ponto de vista literário**, as melhores traduções da Bíblia são aquelas que reproduzem as formas dos originais, e não sua ‘mensagem’” (grifo meu).

Logo, John B. Gabel e Charles B. Wheeler (1993, p. 205)

estimam que, uma vez que a maioria das pessoas depende de traduções para ter acesso ao texto bíblico, 'nem a metade de um por cento' leu as palavras reais da Bíblia. A quase totalidade das pessoas necessita, para conhecer as Escrituras judaico-cristãs, contar com a precisão e capacidade de transmissão das traduções.

Mediante isso, a tradução de um escrito sagrado, seja ele cristão, muçulmano, budista ou de outra religião é de indispensável importância, haja vista, que as palavras contidas em tais escritos orientarão a crença de milhares (ou milhões) de pessoas durante uma vida inteira. E entre o pescador (leitor) e o mar (Escritos Sagrados) há a linha de um tradutor que ora opta por seguir a exegese do vocábulo original e ora escolhe a facilitação da linguagem para o público-alvo.

Segundo Lynell Zogbo (2012, p.6),

desde a introdução da abordagem da equivalência dinâmica/funcional, as reflexões sobre teoria e prática da tradução da Bíblia continuam a evoluir. Muita atenção é agora dada ao papel do público-alvo para determinar que tipo de tradução precisa ser produzida.

Logo, o seguinte questionamento é passível de vir à tona: a Bíblia deve ser fácil? Johan Konings responde que “uma tradução deve respeitar o nível linguístico do público alvo, mas isso não quer dizer que ela deva ser fácil” (2003, p. 229).

Bezerra (2011, p. 501) assevera que

para Eugene Nida, especialista em tradução da Bíblia, o mérito de uma tradução está em expressar com naturalidade o sentido do texto bíblico na língua-alvo. Nas palavras de Nida, 'a tradução consiste em reproduzir na língua receptora o mais próximo equivalente natural da mensagem da língua-fonte, primeiro em termos de significação e segundo em termos de estilo' (apud MILTON, 1998, p. 169). Na teoria da tradução aplicada à Bíblia, conforme proposta por Nida (1964), as opções de trabalho se dividem entre uma metodologia orientada pela busca da equivalência formal ou da equivalência dinâmica ou funcional entre as línguas de origem (hebraico, aramaico e grego) e a língua de destino (português, inglês ou outra). O princípio da equivalência formal predomina nas versões mais tradicionais, que parcialmente em virtude disso também se caracterizam por uma linguagem mais arcaica, formal e erudita. Versões orientadas por esse princípio, como é o caso das diferentes edições da tradução em português de João Ferreira de Almeida, de origem protestante, procuram representar a língua original palavra por palavra na língua de destino.

Lutero, por sua vez,

concedia grande importância ao meio cultural dos destinatários, por isso traduzia adaptando o texto à mentalidade e ao espírito dos homens de seu tempo a fim de dar a compreender as realidades históricas, culturais e sociais relatadas na Bíblia e próprias de uma sociedade distanciada no tempo e no espaço (DELISLE, WOODSWORTH, 1995, p. 59).

José Pinheiro de Souza (1998, p. 52) nos diz que “no século XVI, Martinho Lutero, ao traduzir a Bíblia para o alemão, defendeu o mesmo princípio básico de Cícero e de São Jerônimo, ou seja, o princípio da tradução do sentido e não, da tradução literal”.

Logo, o mesmo autor nos lega a seguinte afirmação:

a Bíblia é 'texto' e, como qualquer texto, é, semioticamente, sempre aberto a múltiplas leituras e a múltiplas interpretações. Todo texto, como objeto de significação, é sempre polissêmico, aberto a muitas leituras, mas, como objeto de comunicação, é sempre monossêmico, porque, no ato particular de sua leitura, cada leitor o interpreta (SOUZA, 1998, p. 63).

Por fim, dizer que uma tradução é correta e outra é incorreta pode ser tomado como um ato de pouca reflexão, e ainda mais quando tais afirmações procedem do meio acadêmico, pois quando se traduz deve se ter em mente:

- O que se traduz?
- Por que se traduz?
- Para que se traduz?
- Para quem se traduz?
- Como se vai traduzir?

Tratando-se de Escritos Sagrados sempre haverá duas correntes paralelas e discordantes: uma que optará pela adequação do texto à língua de chegada, proporcionando ao leitor um entendimento facilitado, e outra que tenderá à erudição e aos arcaísmos da linguagem, concomitante à tentativa de manutenção do significado expresso pelos originais.

Para tal pesquisa, considero relevante a demonstração de que ambas as correntes transmitem praticamente a mesma mensagem. Para isso, estou de acordo com KONINGS (2003, p. 225), quando afirma que “o tradutor tem de ser um exegeta. Precisa compreender o que a Bíblia quis dizer”.

Em um mundo plural, diferente e marcado pela diversidade de ordem primária física e psicológica, nada mais autêntico do que textos que manifestem essa característica humana. E como já dito acima, a Bíblia é um desses textos que suscita diferentes interpretações, infundáveis discussões, sejam elas de ordem

interna (católicos x protestantes x espíritas) ou externa (cristãos x muçumanos ou cristãos x ateus).

Por conseguinte, a própria Bíblia está de acordo com a pluralidade do ato de traduzir, pois como o apóstolo Paulo afirma: “Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento ou em verdade, nisto me regozijo, e me regozijarei ainda” (Fp 1.18). Na prática, se há um aparente “erro” ou não no ato de traduzir, o que importa é a mensagem.

Fica evidente, a partir dessa citação, minha posição de que o mais importante é se traduzir a mensagem, ou seja, a finalidade é o que realmente importa. Contudo se o objetivo é aprofundamento teológico, é recomendável que se busquem os originais para que se tenha uma ampliação horizontal do palimpsesto em que se configura a Bíblia.

2.3 CÂNON BÍBLICO

A palavra grega *kanon*, de origem semita, significa literalmente “vara de medir”, funcionando metaforicamente como uma vara de carpinteiro. Para a literatura clássica, adquire o significado de “regra, norma, padrão”. Ao referir-se à Bíblia, o vocábulo expressa, segundo Soares (2002, p. 47), “a coleção de escritos reconhecidos como os únicos possuídos de autoridade normativa para a conduta e a fé cristã”.

Neste sentido, cânon não significa aquilo que mede, mas aquilo que normatiza e regulariza os escritos considerados sagrados em detrimento daqueles tidos como apócrifos, ou não inspirados. O termo “cânon” foi utilizado pela primeira vez para referir-se aos livros contidos na Bíblia por Orígenes (185-254 d. C.).

O cânon do Antigo Testamento Judaico e Protestante da forma como o conhecemos atualmente ficou completo desde o tempo do escriba Esdras, após o ano de 445 a.C.

Para os judeus, o Antigo Testamento, ou *Tanakh*, como dito anteriormente, possui três divisões: Lei, Profetas e Escritos. Entretanto, enquanto no AT Protestante verifica-se a existência de 39 livros, no *Tanakh* observamos a disposição de 24 livros.

Tal distinção se comprova ao se observar que os judeus consideram um só livro o que no AT Protestante é composto pelos seguintes: os dois de Samuel; os dois de Reis; os dois de Crônicas; os dois de Esdras e Neemias; e os doze Profetas Menores. Logo, corroboramos a tese de que os 24 livros do *Tanakh* judaico são exatamente os mesmos dos 39 contidos na versão Protestante.

Dessa forma, a disposição do cânon hebraico se dá mediante a observação temática. Por isso, a primeira parte da Bíblia judaica contém a Lei que, por sua vez, é composta pelos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

A seguir têm-se dispostos os livros Proféticos, subdivididos em Primeiros Profetas (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e Últimos Profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Os Doze).

Por último, são nos apresentados os Escritos. Eles, por sua vez, se subdividem em Livros Poéticos (Salmos, Provérbios e Jó) e Os Cinco Rolos (Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester).

Esses cinco últimos receberam tal nome devido ao fato de que são rolos separados para serem lidos anualmente em festas distintas, sendo:

- Cantares, na Páscoa, em referência ao Êxodo israelita;
- Rute, no Pentecostes, em celebração à colheita;
- Ester, na Festa de Purim, onde se comemora a libertação do povo das mãos de Hamã;
- Eclesiastes, na Festa dos Tabernáculos, como forma de gratidão após a colheita;

- Lamentações, no mês de Abibe, lembrando a destruição de Jerusalém pelos babilônios.

É importante ressaltar que os livros no cânon hebraico, assim como no Protestante e no Católico, não estão em ordem cronológica. Nesses, sua ordem remonta à Septuaginta e, posteriormente, à Vulgata Latina.

2.3.1 Formação

O cânon do Antigo Testamento foi formado num espaço de mais de mil anos entre Moisés e Esdras. Cronologicamente, o escriba não foi o último escritor na formação do cânon do AT, pois seriam estes Neemias e Malaquias. Porém, de acordo com a tradição judaica, bem como os escritos históricos elaborados por esse povo comprovam foi Esdras, que na qualidade de escriba e sacerdote, quem reuniu os rolos canônicos, fixando assim, o cânon do AT.

Na história judaica consta que, em 90 d.C., em Jâmnia, um local próximo à moderna cidade de Jafa, os rabinos reconheceram e fixaram o cânon do AT em um concílio sob a presidência de Johanan ben Zakai.

Se o Velho Testamento levou cerca de mil anos, o Novo não passou de 100 anos para ser elaborado, pois no ano 100 d.C. todos os atuais livros que compõem o cânon já estavam escritos.

Tanto em NT Protestantes como Católicos há o mesmo número de livros reconhecidos como inspirados. Novamente, a ordem textual advém da Vulgata Latina, e desconsidera a ordem cronológica.

Por conseguinte, os 27 livros se encontram dispostos da seguinte maneira: 4 Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), 1 livro histórico (Atos dos Apóstolos), 21 epístolas, sendo 13 delas de autoria Paulina (de Romanos a Filemom) e as outras 8 denominadas universais (Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1,2 e 3 João e Judas). Por último, temos o único livro Profético do NT, Apocalipse.

Seu reconhecimento e fixação provêm do III Concílio de Cartago realizado em 397 d.C. Como prova de sua legitimidade, alguns cristãos antigos dão testemunho da existência dos mesmos, como: Clemente de Roma, Policarpo, Inácio, Justino (o Mártir), Irineu e Orígenes.

2.3.2 Livros Apócrifos, Deuterocanônicos e Pseudepígrafos.

Se por um lado a Bíblia judaica contém 24 livros e a Protestante 39 no AT, lembrando que o conteúdo de ambas é o mesmo, mais os 27 do NT, totalizando assim, 66 livros, as versões Católicas nos brindam com um número de 73 livros. Logo, se os 27 livros do NT são aceitos tanto por uns quanto por outros, a diferença ocorre na aceitação do AT.

Portanto, a Igreja Católica Apostólica Romana reconhece um total de 46 livros nos compêndios do AT. Sendo assim, há a existência de 7 livros, denominados apócrifos por outros grupos religiosos, bem como, a adição de 3 apêndices a livros canônicos.

O conceito de apocrifia nos remete à origem etimológica do termo, que desvela o significado de “escondido”, “oculto”. Alguns teólogos agregam a palavra “espúrio” à definição, entretanto, prefiro ressaltar o caráter místico-misterioso de tais escritos, a jogá-los numa fogueira de uma suposta Inquisição descritiva.

Antes do Concílio de Trento, a Igreja Romana aceitava 14 escritos apócrifos, sendo 10 livros e 4 acréscimos. Contudo, após tal acontecimento, somente a Igreja Ortodoxa Grega passou a considerar os 14 escritos.

Atualmente, em edições católicas da Bíblia, podem ser encontrados exemplares dos livros de:

- Tobias (após o livro canônico de Neemias);

- Judite (após o livro de Tobias);
- 1 Macabeus (após o livro canônico de Ester);
- 2 Macabeus (após o livro de 1 Macabeus);
- Sabedoria de Salomão (após o livro canônico de Cantares);
- Eclesiástico (após o livro da Sabedoria);
- Baruque (após o livro canônico de Jeremias);

Os três acréscimos a livros canônicos são:

- Cântico dos Três Santos Filhos ou Cântico de Azarias na Fornalha (à Daniel, 3.24-90);
- História de Suzana ou Suzana e o julgamento de Daniel (a Daniel, cap. 13);
- Bel e o Dragão (a Daniel, cap. 14).

Após 1546 d.C., como dito anteriormente, houve a rejeição de 3 escritos, sendo eles: 3 Esdras, 4 Esdras e A Oração de Manassés, assim como a adição de Ester. Lembrando que, em alguns exemplares da Bíblia Católica-Romana, o livro de Esdras é chamado de 1 Esdras, e o de Neemias de 2 Esdras.

Tais livros citados acima são chamados de Deuterocanônicos, que significa ser um livro catalogado em segunda instância, ou seja, em uma espécie de revisão canônica são incluídos mais livros.

Por outro lado, os trinta e nove livros do AT, outrora acordados entre judeus, protestantes e católicos, são denominados de Protocanônicos, pois foram livros escolhidos em primeira estância.

Outra classe de escritos é denominada de Pseudepígrafos, que do grego significa “falso escrito”. A esses textos se costumam atribuir autorias famosas. Nunca gozaram do apoio dos patriarcas das comunidades judaica e cristã, todavia, muitos deles foram conservados pela Igreja ocidental da Idade Média, assim como, pelos abissínios, os coptas e os sírios. Abaixo, apresento uma lista de apenas alguns dos mais conhecidos desses escritos:

ANTIGO TESTAMENTO	NOVO TESTAMENTO
O livro de Enoque	O Evangelho segundo os Hebreus
Os Segredos de Enoque	O Evangelho segundo Tiago
O Livro dos Jubileus	Os Atos de Pilatos
Os Testamentos dos Doze Patriarcas	Os Atos de Paulo e Tecla
Os Oráculos Sibilinos	Os Atos de Pedro
Os Salmos de Salomão	Epístola de Barnabé
As Odes de Salomão	Apocalipse de Pedro
O Apocalipse Siríaco de Baruque (2º Baruque)	Apocalipse de Tomé
O Apocalipse Grego de Baruque (3º Baruque)	
A Assunção de Moisés	
A Ascensão de Isaías	

Essa coleção de livros contém várias histórias com inúmeras pessoas famosas da história de Israel, como uma forma de dar autoridade nominal aos escritos. Contudo, alguns desses livros são contos folclóricos ou lendas sagradas com alguns elementos de sabedoria e ética.

2.4 DOUTRINAS BÍBLICAS

A palavra “doutrina” vem do latim *doctrina* e significa “ensino” ou “instrução”. Segundo Silva (1998, p. 91), “significa literalmente ensino normativo, terminante, como regra de fé e prática”. Soares (2002, p. 53) considera que “se refere às crenças de um grupo particular de crentes ou mesmo partidários”. Feitas as devidas

observações clarificadoras daquilo que é doutrina faz-se necessária distingui-la em três grandes grupos, conforme elenca Silva (1998):

- Doutrina de Deus (Pv 4.2; Mt 7.28; Lc 4.32; Jo 7.16; At 2.42; 13.12; Tt 2.1);
- Doutrina dos homens (Jr 23.16; Mt 15.9; 16.12; Cl 2.22; Tt 1.14);
- Doutrina de demônios (1 Tm 4.1).

Partindo-se disto, Silva considera que a doutrina de Deus se resume a 24 pontos principais. Por conseguinte, abaixo estarão dispostas tais doutrinas, com pequenos comentários esclarecedores daquilo que a Bíblia prega em si através delas:

1. A Inspiração divina e plenária da Bíblia – Conforme 2 Tm 3.16 e 2 Pedro 1.21 toda a Bíblia foi dada por meio da inspiração divina;
2. A trindade divina – Deus é uno e, ao mesmo tempo, triuno. Além de que todas as três pessoas da Trindade são coeternas e iguais entre si;
3. Os anjos – São seres espirituais de natureza mais elevada que a do homem, além de serem subdivididos em classes. É nessa área de estudo, que também, são abordados assuntos que concernem à demonologia;
4. A criação – Segundo a Bíblia, Deus criou o mundo e os seres que nele habitam;
5. O homem – É criatura de Deus, que o fez perfeito, entretanto, tornou-se imperfeito mediante a inserção do pecado em sua vida;
6. O pecado – Seus aspectos malignos e sua implicação na vida do ser humano;
7. A salvação e a vida cristã – Segundo as Escrituras, a salvação é uma transformação espiritual mediante o reconhecimento de Cristo como Salvador;

8. A Lei e a Graça – Os propósitos das duas Alianças e suas imbricações;
9. A Igreja – considerada o corpo místico de Cristo com uma visão missionária;
10. O batismo em água – Envolve comprometimento e obediência a Deus;
11. A Santa Ceia – Aborda as finalidades desse ritual;
12. O Batismo com o Espírito Santo – O que é o batismo e qual é a sua finalidade;
13. Os dons e o fruto do Espírito Santo – As diferenças entre eles e suas respectivas definições;
14. A Santificação Bíblica – aborda questões relativas aos meios divinos para a santificação individual;
15. A fé – expressões da fé e seu valor;
16. A cura divina – quais são os meios para a obtenção da mesma;
17. Dízimos e ofertas – o percentual relativo a esse mandamento e suas implicações no cotidiano da Igreja;
18. O Estado e o Fiel – Direitos e Deveres com parâmetros bíblicos com relação ao Estado/Nação;
19. Morte, Ressurreição e Destino do Homem – A natureza unitária da vida humana, o caráter da alma e questões posteriores a morte do ser humano;
20. A segunda vinda de Cristo – Quando será, como será e os propósitos concernentes a este evento;
21. O Reino Milenial de Cristo – Os aspectos abrangentes desse período de tempo;
22. O Juízo Final – dar-se-á mediante o julgamento das obras de cada ser humano;
23. Os Novos Céus e a Nova Terra – a promessa do Paraíso eterno;
24. As Dispensações e as Alianças – as Dispensações⁶ e as Alianças⁷.

⁶ As Dispensações dividem-se em: da Inocência, da Consciência, do Governo Humano, Patriarcal, da Lei, da Graça e a do Milênio.

2.5 A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E OS DESVIOS DOUTRINOLÓGICOS

2.5.1 A Hermenêutica

Soares (2002, p. 33) afirma que

todas as heresias e aberrações doutrinárias são provenientes de interpretações errôneas da Bíblia e significados diferentes às palavras básicas da fé cristã. O sentido correto de um texto só é possível mediante a aplicação correta da exegese e da Hermenêutica [...] para a interpretação é necessário considerar o sentido contextual, analógico e histórico.

Evans (2004) considera que este termo, Hermenêutica, originalmente é o ramo teológico que lida com a interpretação de textos bíblicos. Entretanto, a partir dos séculos XIX e XX, passa a designar a interpretação de qualquer texto, incluindo assim os papéis inter-relacionados de autor, leitor e o objeto de estudo, texto.

Youngblood (2004, p. 659) afirma que “um texto bíblico deve ser interpretado de acordo com a língua na qual foi escrito, seu contexto histórico, a identidade e propósito do autor, sua natureza literária e a situação para a qual foi originalmente dirigido”.

A Bíblia Apologética de Estudo define a palavra Hermenêutica como “explicar” ou “interpretar”. Portanto, designa a ciência que visa à prática da interpretação

⁷ As Alianças subdividem-se em: do Éden, de Adão, de Noé, de Abraão, de Moisés, da Palestina, de Davi e a Nova Aliança.

textual mediante a observação de aspectos placentários ao desenvolvimento, acabamento e repercussão textual.

A partir desta conceituação, Youngblood (2004, p. 218) estabelece quatro estágios da interpretação bíblica: “observação, interpretação, avaliação e aplicação – [que] formam o cerne de qualquer método que vise descobrir o significado de uma passagem bíblica”.

Assim sendo, os estreitamentos que conduzem à formação de um texto na Hermenêutica devem ser todos considerados. Portanto, para se codificar um significado linguístico deve-se, primariamente, compreender a linguagem utilizada.

Após isso, deve-se estar atento às implicações que os textos provocam. No caso da Bíblia, eles ultrapassam as distâncias culturais e temporais, o que muitas vezes, é desconsiderado, provocando assim, os problemas interpretativos, quando se tenta aplicar lições bíblicas contextuais à realidade vivida pela humanidade hoje.

Nos processos interpretativos hermenêuticos o leitor responderá ao significado do texto. É óbvio que a reação pode ser positiva, neutra ou negativa. Contudo, é de suma importância ressaltar que toda e qualquer manifestação a um texto bíblico, independente, da posição tomada, é uma resposta a uma implicação legítima de um significado do texto.

Por mais evidente que seja sempre é importante considerar o assunto tratado por um texto, seja ele bíblico ou não, respeitando sempre suas normas internas e sua linguagem própria.

Outro aspecto relevante é olhar com atenção o gênero literário e sua respectiva proposição literária. Com certeza, se o leitor não ponderar sobre esse assunto sua compreensão será nula ou imparcial.

Por último, e com certeza, o mais esquecido de todos na hora de uma interpretação bíblica: o contexto. Considera-se que a leitura do antes, do momento e do depois do acontecido ou fato, provoca um pretexto, contudo, interpretar algo sem ele, invalida todos os demais fatores citados acima.

Para finalizar, outros recursos a serem considerados são: os textos paralelos, a autoria do texto, a aplicabilidade do mesmo e suas implicações implícitas/latentes ou explícitas/patentes.

2.5.2 A Exegese

Exegese vem do grego *exegesis*, sendo um vocábulo composto por duas palavras *ek* e *egeomai* que justapostas significam: “extraio”, “tiro”, “saco”. Portanto, por conduzir para fora, a exegese é aquilo que Soares (2002, p. 33) define como “a ciência da interpretação, é a extração do autêntico sentido da palavra. É a análise do que a palavra diz, e não do que eu quero que ela diga”.

Em termos práticos a aplicação dos princípios da Hermenêutica é a Exegese, pois a primeira expõe os preceitos, a segunda os aplica. Enquanto na ciência exegética há o trato com o sentido literal do texto, na Hermenêutica há o estabelecimento dos princípios interpretativos que tangem o texto.

Portanto, infere-se que a Hermenêutica precede a Exegese. Uma símile importante é usada por Soares para clarificar o assunto, pois ele considera que as doutrinas bíblicas têm um movimento que pressupõe iniciar do lado de dentro para fora. Isso se chama *exegese*. O movimento das teorias humanas, por outro lado, segundo ele, são de fora para dentro, *eisegese*.

Para o autor (2002, p.34), “uma boa exegese deve seguir as regras de interpretação [...] a *eisegese* é justamente [...] o método de interpretação das seitas”. Ou seja, é onde se dá o desvio do autêntico significado proposto por um texto bíblico.

2.5.3 A Heresiologia

Segundo Oliveira (2002, p. V), “heresiologia é o estudo das heresias que procuram corromper a fé cristã”. Por sua vez, Youngblood (2004, p. 658) considera heresia como “falsa doutrina, ou ensino, que nega uma das crenças fundamentais da igreja”. A Bíblia Apologética de Estudo (2010, p. 1309) define-a como “um ensino falso, uma afirmação que se desvia da doutrina cristã”.

Utilizando a Exegese, heresia vem da palavra grega *haireses* e significa: “escolha”, “seleção”, “preferência”. Soares (2002, p. 25) afirma que “o historiador Flávio Josefo e muitos outros escritores antigos usaram a palavra *hairesis* com o sentido de ‘escola’ de pensamento, ‘doutrina’ ou ‘religião’”.

Em suma, heresia, num sentido religioso, é o desvio das temáticas apregoadas pela Bíblia. Além disso, as Escrituras designam as heresias como pertencentes ao rol de obras da carne, ou seja, aquelas que, segundo a Bíblia Pentecostal de Estudo (1995, p. 1802), são de “natureza pecaminosa, com seus desejos corruptos” (Gl 5.19-21).

Logo, aglutinam-se os conceitos de apócrifia e heresia, em algo novo, ou seja, um escrito não autorizado, por seu dúbio caráter, que apresenta ora traços componentes do primeiro, ou seja, a invenção de uma história ficcional, tida como apócrifa em um sentido religioso, e que por outro lado, apresenta características que pervertem as linhas narrativas do escrito original, frisando-se novamente que, num sentido religioso, adquire a alcunha de heresia.

Logo, apresento a terceira seção, tentando identificar o caráter dúbio dos escritos saramaguianos, sempre cotejando com o texto religioso recorrente, nesse caso, a Bíblia.

3 O (DES)EVANGELHO SEGUNDO SARAMAGO

3.1 TEOPOÉTICA: O CONFRONTO DE VERDADES

Desde os longínquos tempos da *Epopéia de Gilgamesh*, obra que relata a criação de seres humanos mediante a vontade de uma deusa, além de abordar questões que põem em evidência a relação maniqueísta que perpassa a consciência humana, Literatura e Religião tem se entrelaçado num emaranhado prolongador de dúvidas e eventuais certezas ao longo dos séculos.

Isso se dá em um nível tanto linguístico como simbólico, uma vez que tanto a tradição literária como a religiosa apresentam um complexo desenvolvimento em torno das linguagens, sejam elas verbais ou não verbais, o que acarreta a existência de subjetividade, constituindo-se assim dois universos totalmente simbólicos que eventualmente se interseccionam.

Literatura e Religião tem em comum a linguagem um tanto quanto apelativa no sentido de conduzir o ser humano à reflexão. Antonio Carlos de Melo Magalhães (2011, p. 37) considera que é a partir delas que temos “condições privilegiadas de refletir sobre nossos conflitos, ousamos confrontar o que para nós é mistério”.

Peremptoriamente, o campo de estudos religiosos, assim como literário, é de natureza aquosa, fluida, o que evidencia seu caráter dúbio. Tanto uma como a outra produzem incertezas na mente humana agindo de maneira em que ambas utilizam o poder de convencimento da palavra que é afirmado num processo que vai da leitura à mudança de hábito.

A dissertação assume o viés de estudos da Teopoética que, segundo Karl-Josef Kuschel (1999), nada mais é do que o estudo comparado entre a Literatura e as tradições religiosas.

Salma Ferraz ainda esclarece que

quando falamos em Teopoética – estudos comparados entre teologia e literatura - podemos pensar que se trata de estudos pertinentes somente à personagem Deus. Mas o discurso crítico-literário, a reflexão teológica e literária desse ramo de estudos é extensivo a toda a Bíblia – Velho e Novo Testamentos e a todos os personagens bíblicos (2006, p. 236).

Procurarei igualar o valor literário dos escritos sagrados com o dos romances *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, pois Paul Tillich constata que “a distorção mais frequente da fé consiste em considerá-la como um conhecimento que apresenta menor grau de certeza do que o conhecimento científico” (2002, p. 24).

Por conseguinte, tratando-se as duas ciências com igual valor, já que ambas partem do princípio do “poder de convencimento da palavra”, concebe-se a Teopoética. Sobre as origens dos estudos comparados entre Literatura e Religião Ferraz esclarece que

a ideia da Teopoética nasceu antes do cristianismo. Santo Agostinho não aceitava a Teopoética, era frontalmente contra a reinvenção e reinterpretação poética de textos sagrados da Bíblia efetivada pelos poetas de uma forma mítica ou fabulosa. O que Agostinho na realidade pretendia era ‘enterrar a teologia poética e mantê-la firmemente reprimida pelos próximos mil anos’. Segundo Cuppit, Agostinho não queria rivais, queria o monopólio da Teologia para si. (2006, p. 236).

Silvana de Gaspari (2011, p. 126) considera que nos estudos de Teopoética “ler um livro que possua elementos religiosos como conteúdo é, além de entretenimento, ter a possibilidade de analisar seu discurso em função e em comparação com a ideia que temos de Deus e suas implicações na humanidade”.

Concomitantemente, Tillich (2002) considera que a Literatura é um meio pelo qual se encontram as vias de acesso ao sagrado, visto que as ideias tidas de Deus são plurais e plurissignificativas aos seres humanos, cada uma tendo uma visão mais geral, advinda dos escritos sagrados, mas ao mesmo tempo, possuindo uma percepção individual mediante o conhecimento absorvido através das várias leituras realizadas.

A relação fraterna entre elas acarreta divergências de caráter filosóficas. Em termos de estrutura, conteúdo e forma, as duas são similares, distinguindo-se apenas, sob o prisma da Literatura, quanto à sacralização.

A diferença, como disse anteriormente, é puramente filosófica, pois enquanto nos textos religiosos há a busca das respostas de tais perguntas, nos literários há a acentuação das possibilidades não relatadas pelos textos sagrados. Ou seja, nada mais é do que a tentativa de a Literatura preencher as lacunas deixadas pela História “oficial”, ou até mesmo, a reescritura da mesma sob outra óptica.

Como se vê, ambas são complementares, divergentes, mas questionáveis, seja adotando o viés literário, seja o religioso, ou nenhum dos dois. Certo é que existe um diálogo quase inerente a ambas, haja vista o caráter genético que as aproxima: a Palavra.

É possível mixá-las de tal forma a confundi-las. Harold Bloom (1993) considera que ambas as ciências caminham de tal forma entrelaçadas, mas ao mesmo tempo tão separadas que o que realmente as une é o limite entre uma suposta verdade.

E sob esse viés há a constatação de que uma pode ou não afirmar ou contradizer a outra. Gaspari (2011, p. 130) considera que a Teopoética procura nos

mostrar que “a religião, a teologia e a literatura têm muito em comum, podendo dialogar e interagir de forma a enriquecer o mundo com suas indagações”.

Concordando com Tania Franco Carvalhal (2010), ao afirmar que o comparatismo exige a compreensão de questões mais gerais, a fim de que a interpretação de obras ou procedimentos literários sejam entendidos como manifestações concretas, parte-se do pressuposto de que há a necessidade da articulação investigativa com as questões socioculturais num diálogo permanente com a História, com o amplo objetivo de elucidar questões literárias que exigem perspectivas amplas.

3.2 *IN NOMINE DEI*: HUMANISMO x CRISTIANISMO

In Nomine Dei, segundo Ferraz (1998, p. 26), “apesar de ser uma paródia sacrílega aos evangelhos, seu (des)evangelho não deixa de ser religioso, uma vez que defende um Humanismo quase radical, pois escreve seu evangelho *IN NOMINE HOMINIS*”. Por conseguinte, uma breve explanação daquilo que é Humanismo faz-se necessária nesse momento.

Advindo do Racionalismo que permeou o Iluminismo do século XVIII e o livre-pensamento do século XIX, o Humanismo desponta no período Renascentista sendo uma resposta à ideia de que o homem, através da razão e do aprendizado científico, é capaz por si só de encontrar respostas para todos os problemas. A junção da ciência, política, ética e lei seriam os pilares basilares de uma sociedade perfeita.

Sua concepção embrionária remonta ao filósofo grego Pitágoras, pois ele afirmou que *o homem é a medida de todas as coisas*, sendo assim humanista em sua concepção primária.

Stephen C. Evans (2004, p. 67) considera que o Humanismo é

a concepção que confere valor e lugar especial aos seres humanos, a suas atividades e conquistas. Originariamente, o termo era usado para destacar o movimento associado com o desenvolvimento e florescimento das ciências humanas – disciplinas que lidam com a natureza humana e suas realizações, como a literatura, a filosofia e as artes. No século XIX, entretanto, o termo foi cooptado por Augusto Comte para designar sua ‘religião da humanidade’, desenvolvida por ele como substituto secular da fé religiosa tradicional. O termo continua a ser usado nesse sentido, como no *manifesto humanista*. Todavia, existe também uma tradição rica do Humanismo cristão. Muitos cristãos humanistas estão convencidos de que somente na COSMOVISÃO religiosa o valor da vida humana é verdadeiramente entendido e salvaguardado.

Após o Renascimento, devido ao seu caráter antropocêntrico, o Humanismo, logo, passou a antagonizar com os credos religiosos cristãos que enxergam na divindade do Deus Trino a única resposta para os problemas humanos. Essa filosofia, a princípio, apregoa ideais associados ao ateísmo e ganha, paradoxalmente, adeptos cristãos a partir do século XX.

Assim, humanistas seculares e humanistas religiosos assinam, em 1933, o *Manifesto Humanista*, que procurava nortear as crenças do movimento. Anos mais tarde, com a tentativa da reescritura de alguns pontos que deixou cristãos e não cristãos descontentes, há a promulgação do *Manifesto II*, que foi muito mais contundente em suas posições. O segundo *Manifesto* teve como principal redator John Dewey e apareceu em 1973, na revista *The Humanist*.

Entretanto, considera-se distinta crença religiosa do Humanismo, uma vez que, sob o ponto de vista religioso, há a completa negação da deidade de Cristo e da Criação, dando suporte a princípios que contestam princípios apregoados pelos escritos sagrados.

No primeiro *Manifesto Humanista*, já há a evidência do antagonismo entre o Humanismo e qualquer sistema ideológico religioso:

We believe, however, that traditional dogmatic or authoritarian religions that place revelation, God, ritual, or creed above human needs and experience do a disservice to the human species. Any account of nature should pass the tests of scientific evidence; in our judgement, the dogmas and myths of traditional religions do not do so. Even at this late date in human history, certain elementary facts based upon the critical use of scientific reason have to be restarted. We find insufficient evidence for belief in the existence of a supernatural; it is either meaningless or irrelevant to the question of the survival and fulfillment of the human race. As nontheists, we begin with humans not God, nature not deity. Nature may indeed be broader and deeper than we now know; any new discoveries, however, will but enlarge our knowledge of the natural. (HUMANIST Manifestos I and II, 2006).

Essa doutrina humanista frutificou, e seus frutos viçosos chamam-se Existencialismo, Evolucionismo, Cientificismo, e em sentido fundamental, o Comunismo, que toma por base o Humanismo secular. Os denominados humanistas “religiosos” creem que o universo é autoexistente, negando as teorias criacionistas dos escritos religiosos.

A evolução humanista que em um paradoxo enfatiza a centralização humana na História, por outro lado, o reduz a uma espécie animal, afirma que o processo de salvação-redenção está focada no esforço humano.

E agora, retomo, os conceitos de *exegese* e *eisegese*. O primeiro, conforme explicitado anteriormente, pressupõe um movimento transformacional humano do lado de dentro para fora. O segundo é o movimento das teorias humanas que são de fora para dentro, ou seja, o homem é produto do meio em que se acha inserido, e não agente transformacional.

Esse Determinismo do meio é originário da teoria darwinista que, com o processo de seleção natural, apregoa que os seres têm a tendência de extinção de acordo com o seu grau de complexidade. Em outras palavras, quanto maior a complexidade, maior a dificuldade adaptativa ao meio, o que, portanto reduziria a chance de sobrevivência da espécie.

Sob a óptica cristã, o teólogo Francis Schaeffer atenta que

o Humanismo é o sistema pelo qual o homem, começando absolutamente por ele mesmo, procura racionalmente construir fora de si mesmo – tendo somente o homem como ponto de integração – para encontrar todo o conhecimento, significado e valor (1985, p. 18).

Depreende-se, portanto, que o Iluminismo foi a idade dourada do Humanismo, pois o ser humano tornava-se o centro das coisas no âmbito de sua própria existência.

Em concomitância, o ateu ético e humanista Saramago professa que “o maravilhoso da espécie humana é que ela se fez a si mesma, inventou tudo” (AGUILERA, 2010, p. 154). Nisso, enfatizo seu caráter extremamente antropocêntrico, colocando o ser humano, ao mesmo tempo, como solucionador e criador de seus próprios problemas.

Considero que nossa sociedade está submersa em um profundo sentimento em que todo ser humano procura observar suas questões de origem, desenvolvimento, esperança e temores, aliadas às crenças, sejam elas de ordem transcendentais ou naturais. Fato é que seres humanos em dúvidas legam às sociedades contemporâneas preciosas considerações aos estudos comparativos de Teopoética.

3.3 A TEOLOGIA DO ATEU

Saramago, certa vez, deu a seguinte declaração:

Sim, esta é minha posição, duvidar de tudo. Se há algo em meus livros que pode ser útil para o leitor, não é justamente que ele termine por pensar como eu penso, mas que consiga pôr em dúvida o que eu digo. O melhor é que o leitor perca essa posição de respeito, de acatamento ao que está escrito (AGUILERA, 2010, p. 255).

Partindo disto, ter-se-á nesta unidade o discurso narrativo do autor e a sua respectiva ocorrência bíblica, com o objetivo de demonstrar a possibilidade dialógica entre um texto literário e um literário-religioso, procurando demonstrar uma visão humanista-ateia em oposição a uma sacra-religiosa.

Num primeiro momento estarão dispostas as linhas narrativas de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e, logo após, do livro *Caim*. Está assim ordenado, unicamente porque o primeiro livro foi lançado antes do último, obedecendo-se unicamente ao fator cronológico.

Abaixo está um claro confronto entre a Fé e a Razão, a História “oficial” e a ficcional, assim como um complemento de lacunas deixadas por ambas. Quem dirá o que está certo ou errado? Entra em cena, o leitor e sua verdade.

Apresento abaixo a legenda dos quadros que conterão os cotejos entre os livros do laureado português em comparação com os bíblicos. Justifico a escolha por essa disposição, por apresentar as primeiras citações conforme o número da página, e não por atribuição temática, para não tornar o trabalho repetitivo e poder abordar o maior número de comparações, observando a diversidade temática existente na obra saramaguiana.

Legenda:

ESJC *O Evangelho segundo Jesus Cristo*⁸

⁸ SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAIM	Caim ⁹
BÍBLIA	Bíblia Sagrada ¹⁰
©	Comentário

3.4 O CALEIDOSCÓPIO PROFANO DE O *EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*

Primeiramente, é válido lembrar que o escopo do trabalho não está em se identificar as possíveis fontes, das quais Saramago ter-se-ia valido para escrever suas obras. Por conseguinte, a ênfase estará no diálogo que seu des(evangelho) estabelece com o texto bíblico.

Segundo Julia Kristeva (1974, p. 64), “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”. Logo, sendo o ESJC, um texto de conteúdo *semirreplicado*, que ora corrobora, ora destroça com sua origem, obtemos a visualização de confluências textuais em sua estrutura.

Tereza Cristina Cerdeira da Silva (1994, p. 187), ao analisar o quinto evangelista, declara que

não se trata de uma simples retomada de um enunciado antigo numa enunciação nova, mas de uma voluntária apropriação da enunciação anterior que vem transformada, travestida, violada, quer pela inversão da

⁹ SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁰ Será sempre usada a Tradução Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Caso seja utilizada outra, a mesma será sinalizada no corpo do texto.

fórmula consagrada, quer pelo humor que corrói a citação literal, quer pelo deslocamento que impõe ao discurso anterior uma relação outra com o seu novo contexto. Isto é, insistimos que é pelo trabalho da linguagem que este novo evangelista corrói o modelo bíblico.

No ESJC, há a utilização de alguns dos evangelhos apócrifos como o: *Proto-evangelho de Tiago*, *Evangelho pseudo-Tomé*, *Evangelho árabe da infância*, *Evangelho apócrifo segundo Felipe*, *Evangelho apócrifo de Nicodemus*. Com isso, o autor pretende preencher as lacunas dos anos da vida de Cristo (entre os 12 e os 30 anos), não narrados nos evangelhos oficiais, e que aqui os denominamos de “anos obscuros”.

Saramago, um autêntico “arqueólogo do imaginário” humano recorre a outros autores portugueses em sua obra: em linguagem se assemelha a Camões, afirma que o diabo é um mero heterônimo de Deus, nos remetendo a Fernando Pessoa, e na parte chave do livro, o episódio da barca, nos remete a Gil Vicente.

Nisso, o laureado português prova ser um autor de autores, alguém que é esponjoso, que absorve com facilidade ideias que lhe aprazem, e as que não obedecem aos seus critérios ideológicos, utiliza-se delas e as modifica a seu bel-prazer, a fim de legar à humanidade suas filosofias ateias-humanistas carregadas de ideologias racionais.

Sem mais delongas, que o caleidoscópio profano do evangelista Saramago fale por si mesmo.

ESJC	“Tendo sido Maria Madalena, como é geralmente sabido, tão pecadora mulher, perdida como as que mais o foram [...]” (p. 9);
ESJC	“[...] Que sou prostituta, Isso sei, Que me deito com homens por dinheiro, Sim, Então é o que eu digo, sabes tudo de mim [...]” (p. 232);

BÍBLIA “E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios.” (Lc 8.2);

BÍBLIA “E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios.” (Mc 16.9);

© A Bíblia menciona Maria Madalena doze vezes (Mt 27.56,61; 28.1; Mc 15.40,47; 16.1,9; Lc 8.2; 24.10; Jo 19.25; 20.1,18). Em nenhuma delas afirma que ela era uma prostituta, ou sequer “a pecadora que ungiu os pés de Jesus”. Segundo a Bíblia, o que é afirmável é que Maria Madalena possuía sete demônios e Jesus, certa feita os expulsou do seu corpo. O fato de ela ser proveniente de Magdala, cidade notável por sua má fama, não traz nenhum indício de que Maria era uma comborça. Trazendo aos dias atuais, assim como nem todos os brasileiros são preguiçosos ou ladrões, nem todos os cidadãos de Magdala possuíam má fama. É ressaltado que essa história surgiu a partir do Evangelho apócrifo de Felipe que, anos mais tarde, sustentou o enredo de *O Código Da Vinci*. Logo, fica a questão totalmente em aberto em se tratando da personagem Maria Madalena.

ESJC “Neste lugar, a que chamam Gólgota, muitos são os que tiveram o mesmo destino fatal e outros muitos virão a ter, mas este homem, nu, cravado de pés e mãos numa cruz, filho de José e de Maria, Jesus de seu nome, é o único a quem o futuro concederá a honra [...]” (p. 11);

BÍBLIA “Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade [...]” (Jo 18.37);

BÍBLIA “Que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças.” (Ap 5.12);

© A Bíblia sempre deixa claro que a honra e glória pertencem ao Cordeiro, isto é, Jesus, que fora morto para remir a humanidade de seus pecados. Entretanto concordo com Saramago que Jesus foi o único morto em cruz de que se tem lembrança. Talvez a História “oficial” não tenha registrado o nome de outros, porque, talvez, a história de Jesus Cristo tenha ofuscado a notoriedade deles.

ESJC “[...] a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria [...]” (p. 19);

ESJC “[...] ter Maria chegado a perguntar-se [...] sobre quem seria, real e verdadeiro, o pai da criança que dentro de si se está formando.” (p. 33);

ESJC “[...] Deves saber, ó Maria, que o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez [...]” (p. 260);

BÍBLIA “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo.” (Mt 1.18);

BÍBLIA “[...] o que nela está gerado é do Espírito Santo” (Mt 1.20b);

BÍBLIA “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho [...]” (Is 7.14);

© Segundo Saramago, houve intervenção divina na fecundação do óvulo e espermatozoide, o que, logo caracterizaria uma relação sexual. Por outro lado, a Bíblia declara que o bebê foi miraculosamente gerado pelo Espírito Santo dentro do ventre de Maria, sem contato físico.

ESJC “[...] Maria não é piedosa nem justa [...]” (p. 22);

BÍBLIA “E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres”. (Lc 1.28);

ESJC “Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus.” (Lc 1.30);

© Este conjunto de citações está claro, é um ataque às crenças da Igreja Católica, que também, subverte o texto bíblico, declarando ser Maria uma pessoa “cheia de graça”. Entretanto, a Bíblia diz “agraciada”, ou seja, aquela que recebeu um presente, favor da parte de Deus.

ESJC “Se, por um atraso nas comunicações ou enguiço da tradução simultânea, ainda não chegou ao céu notícia de tais ordens, muito admirado deverá estar o Senhor Deus [...]”. (p. 40);

BÍBLIA “[...] porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.” (Mt 6.8b);

© Acima está a demonstração de que, enquanto na obra saramaguiana a personagem Deus é um produto dos homens, na crença judaico-cristã, são os seres humanos produtos criativos da pessoa Deus. Além disso, na primeira os homens são conduzidos pelos falíveis desígnios divinos, sendo permeados pelo Determinismo. Já na segunda, os homens têm o seu livre-arbítrio, vivendo na vontade permissiva de Deus.

ESJC “[...] Yeschua, que é como quem diz, Jesus [...] a culpa tem-na o carpinteiro que de há muito assentou na sua cabeça que esse será o nome do seu primogênito.” (p. 59);

BÍBLIA “Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus.” (Lc 1.30,31);

© Na ficção humanista tudo está na cabeça dos homens, inclusive Deus, produto de sua imaginação. No texto bíblico, o nome “Jesus” foi anunciado pelo anjo Gabriel a Maria, e não foi um mero fruto imaginativo de José.

ESJC “[...] Deus, se de algo sabe, é dos homens, e mesmo assim não de todos [...]” (p. 60);

BÍBLIA “Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.” (Ec 12.14);

© Segundo a Bíblia, Deus sabe de todas as coisas que todas as pessoas praticam, sejam as ações boas ou más. Para Saramago, há o reconhecimento de que Deus entende de homens, mas não de todos. Isso é claramente manifesto no próximo livro deste trabalho: *Caim*. Entretanto, no excerto saramaguiano acima, há a ocorrência de sua já famosa e estudada ironia.

ESJC “[...] que não é por ser esta terra, sobre todas, a preferida de Deus, que acabaram os ladrões nela [...]” (p. 71);

BÍBLIA “Porque eu bem sei os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais.” (Jr 29.11)

© Sem suporte científico, não colocarei minhas mãos na polêmica de existir vida humana ou não em outros planetas. Contudo, na segunda parte da citação do ESJC, consta que Deus, por preferir a terra que vivemos, colocou nela ladrões, ou seja, indiretamente, dá a entender que Deus colocou nela sua classe favorita de pessoas. Já o texto bíblico declara os pensamentos de Deus acerca dos homens. Entretanto, sob uma abordagem metafísica, pode-se afirmar que Saramago se referia ao mito da Terra Prometida, assim como a dualidade enfrentada pelos seres humanos para conquistarem esse prêmio.

E é a partir dessa dualidade que procura demonstrar que o bem é necessário para que se tenha o mal, as trevas são importantes para a manifestação da luz do conhecimento, seja ela de ordem humana ou divina.

ESJC “[...] Deus é tanto mais Deus quanto mais inacessível for [...]” (p. 80);

BÍBLIA “E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração.” (Jr 29.13).

© Se de um lado há a ideologia ateia de que Deus não existe, ou se existe é inacessível, por outro, há a ideia cristã de que Deus habita em todas as pessoas e mora no coração delas. Saramago, através de seu ateísmo ético, procura indagar onde está Deus nos momentos providenciais. Por outro lado, o texto bíblico afirma que deve haver completude no sentimento de quem busca a Deus, caso contrário, ele permanecerá inacessível.

ESJC “[...] E então a ordem é matá-los a todos, A todos não, só aqueles que tiverem menos de três anos [...]” (p. 85);

BÍBLIA “Então, Herodes [...] mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo [...]” (Mt 2.16).

© Aqui há a autêntica reprodução, que para um leitor normal seria apenas isso, com uma pitada de alteração. Nisso, se dá a *semirréplica*, ou seja, é um texto que, essencialmente, fala das mesmas coisas que sua fonte original (Bíblia), entretanto, não o reproduz em sua inteireza.

ESJC “[...] eram os homens enlouquecendo debaixo de um céu vazio.” (p. 90);

BÍBLIA “Louvem o nome do SENHOR, pois só o seu nome é exaltado; a sua glória está sobre a terra e o céu.” (Sl 148.13);

© Mesmo que não se consiga ver a glória de Deus apregoada pela Bíblia, ainda há planetas, estrelas, o Sol, a Lua no céu. Resta-nos saber em que sentido Saramago cita a palavra Céu, se é em sentido literal ou espiritual.

ESJC “[...] os anjos [...] levam consigo as suas limitações de nascença, nisso são como Deus, não podem evitar a morte.” (p. 102);

BÍBLIA “Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus.” (Sl 90.2);

© Seguindo a filosofia de Nietzsche (“Deus está morto”), Saramago nos lega um novo conceito: Deus não está morto, mas morrerá, pois é produto da imaginação humana. Ao contrário disso, os escritos bíblicos asseveram que Deus é eternamente autoexistente.

ESJC “[...] anunciado por um anjo do céu ou por um anjo do inferno [...] é verdade que quem fez uns anjos fez os outros, mas depois emendou a mão.” (p. 103);

BÍBLIA “E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia.” (Jd 6);

© Segundo a Bíblia, Deus assim como fez os homens, deu a opção de escolha aos anjos, ou seja, deu-lhes o livre-arbítrio. Logo, o mesmo Deus que criou anjos e homens inicialmente bons e perfeitos, outorgou-lhes o direito da escolha do caminho a seguir. Agora, sob o prisma saramaguiano, é verdade que Deus criou bons e maus. Logo, entende-se que o autor rechaça a dualidade, não só de homens e anjos, mas sugere constantemente uma dualidade de ordem divina.

ESJC “Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens.” (p. 117);

BÍBLIA “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?” (Nm 23.19).

© Uma clara oposição ideológica: um Deus humanista, passível de erros, *versus* um Deus infalível e divino pregado pela cultura judaico-cristã. O laureado procura colocar um Deus mais humano, que comete erros, sendo assim, mais próximo dos humanos. Por outro lado, suas falhas com os homens, em concomitância com a sua respectiva falta de pedir perdão, colocaria o Deus cristão como alguém inacessível, distanciando-o de tal forma a não haver diálogo entre Ele e os humanos, estabelecendo-se assim uma relação irreconciliável entre Criador e criaturas.

ESJC “[...] abençoado seja o Senhor que sabe pôr na cabeça dos homens tão excelentes ideias.” (p. 130);

BÍBLIA “Eis que assim será abençoado o homem que teme ao SENHOR.” (SI 128.4);

© Novamente segue-se a ideia de que o Criador é maior que a criatura. Na ideologia saramaguiana humanista, os homens abençoam Deus, na cristã, Deus abençoa os homens. Aqui há a sutil subversão do texto, ocorrendo uma carnavalização da ideia original, ou seja, transformando-a numa *semirréplica* do texto bíblico. A subversão, mesmo que sutil, procura causar estranhamento. Em Saramago, a subversão aliada à ironia, acaba por produzir um efeito adverso: o riso.

ESJC “[...] Sou José filho de Heli [...]” (p. 131);

ESJC “[...] José filho de Heli, ou de Jacob, não sei bem [...]” (p. 304);

BÍBLIA “E Jacó gerou a José, marido de Maria [...]” (Mt 1.16);

BÍBLIA “E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José, e José de Heli.” (Lc 3.23);

© A Bíblia Pentecostal de Estudo (1995, p. 1386) afirma que a genealogia descrita por Mateus retrata a “linhagem ancestral de Jesus pela linha paterna”, já o Evangelho segundo Lucas registra a linhagem de Jesus através dos ascendentes de Maria. Em Lc 3.23 a Bíblia de Estudo Plenitude (2001, p. 1029) explica que José “pode ser reconhecido como filho de seu pai Heli através do casamento (v. 23)”. Logo, José era filho “simbólico” de seu sogro Heli. Nas linhas narrativas de Saramago, quanto na Bíblia há a dubiedade acerca do pai efetivo de José, o que caracteriza a manutenção do texto original no ficcional, não havendo assim, a reescritura. Por isso, faz-se necessária a observação da lei do contexto na hora da interpretação, para que haja a clarificação da questão acima.

ESJC [...] atravessando as pálpebras cerradas de Deus, o despertasse do seu letárgico sono [...]” (p. 137);

BÍBLIA “Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? É inescrutável o seu entendimento.” (Is 40.28);

© No texto do autor português ocorre a humanização da personagem Deus, ao passo que na Bíblia há a divinização do mesmo.

ESJC “[...] a juventude é assim, egoísta, presunçosa, e Jesus, que ele saiba, não tem motivos para ser diferente dos da sua idade.” (p. 183);

BÍBLIA “E, tendo ele já doze anos [...] E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e

interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas. (Lc 2. 42, 46, 47);

- © Segundo a Bíblia, Jesus desde cedo já era diferente das pessoas de sua época. Para Saramago, não passava de mais um na multidão. Novamente, há a humanização *versus* divinização.

ESJC “[...] como virá a fazer Jesus quando um dia lhe perguntarem, Que é a verdade. Então se calará até hoje.” (p. 190);

BÍBLIA “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (Jo 14.6);

- © No pensamento humanista há a constante busca pela verdade, seja ela existencial ou uma momentânea aliada ao “benefício da dúvida”, já no pensamento cristão Jesus se declara como a verdade, a solução para as indagações humanas.

ESJC “[...] e olha que se encontrássemos o Diabo e ele deixasse que o abrissemos, talvez tivéssemos a surpresa de ver saltar Deus lá dentro.” (p. 200);

ESJC “[...] Mas diz-me, é anjo, é demônio, Já to disse, para Deus não há frente nem costas, passa bem.” (p. 220);

ESJC “[...] Que coisas que nós não sabemos haverá entre o Diabo e Deus.” (p. 299);

ESJC “Jesus olhou para um, olhou para outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gêmeos, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado [...]” (p. 307);

BÍBLIA “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” (2 Co 6.14);

BÍBLIA “Quem comete o pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo.” (1 Jo 3.8);

© Nas declarações do ESJC se entrevê uma espécie de teoria da relatividade, pois se negam questões cruciais da História, como a teoria maniqueísta da existência. Não existe o bem distinto do mal, mas sim, o bem entrelaçado no mal num só corpo. Assim sendo, novamente, humaniza as personagens divinas, provocando uma demonização das mesmas. Ao contrário, os escritos bíblicos distinguem e reafirmam a tradição do bem *versus* o mal.

ESJC “[...] Jesus [...] tendo vindo a Jerusalém para sacrificar, de Jerusalém partirá mais pecador do que quando cá entrou [...]” (p.207);

BÍBLIA “[...] em tudo foi tentado, mas sem pecado.” (Hb 4.15);

BÍBLIA “[...] Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. (1 Pe 2.21,22);

BÍBLIA “E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados; e nele não há pecado.” (1 Jo 3.5).

© Aqui está a principal característica do (des)evangelho de Saramago. A doutrina de perfeição de Cristo, no autor português, cai por terra, para *In Nomine Hominis*, tentar reescrever a história de crenças da humanidade, na tentativa de demonstrar que Jesus era um homem comum.

ESJC “[...] Nenhuma salvação é suficiente, qualquer condenação é definitiva.” (p. 223);

BÍBLIA “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (Jo 3.16,17).

- © Com este comentário do narrador, Saramago invalida parcialmente o final de seu enredo, pois nele, Jesus ainda assim tem de morrer para salvar a humanidade em prol da fundação de uma Igreja. Se nenhuma salvação é suficiente, por que então corroborar no final com a tese de que Cristo morreu para salvar a humanidade? Entretanto, sob outro ponto de vista, o autor português quer relativizar as palavras “suficiente” e “definitiva”, demonstrando assim o caráter transitório, não só das crenças em que a humanidade está fundada, mas também, das escolas de pensamento que temporariamente dominam o saber comum. Portanto, sob este viés, faz-se necessária a morte da personagem Jesus, mesmo que sirva apenas para entrar nos anais da História, e assim, propiciar a fundação de uma nova Religião.

ESJC “Durante todo o dia, Maria de Magdala serviu e ensinou o rapaz de Nazaré [...]” (p. 235);

BÍBLIA “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo.” (2 Co 11.2);

- © Segundo a Bíblia, a natureza divina de Jesus traz intrinsecamente a fidelidade, ou seja, Jesus, de acordo com os escritos bíblicos, permaneceu fiel à sua noiva prometida: a Igreja (entendida como o grupo de fiéis a Deus). Portanto, sob o ponto de vista religioso, Jesus nunca poderia ter tido um relacionamento amoroso, muito menos, sexual com alguma mulher. No entanto, sob o prisma Humanista, nada mais natural do que um Deus que tenha criado o homem à sua imagem e à sua semelhança se permitir aos mesmos rituais que suas criaturas, incluindo assim, casamento ou uma espécie de envolvimento amoroso. Isso é reforçado pelas antigas crenças greco-romanas, em que, além de deuses e humanos, havia uma terceira

classe resultante da união das duas anteriores: a dos semideuses, criando assim, uma linhagem nobre que deveria reinar sobre a Terra.

ESJC “[...] este Jesus de Nazaré era filho de Deus, o que ele próprio até aí ignorava, pois durante a conversa que entretivera com Deus no deserto a questão da paternidade não fora abordada [...]” (p. 295);

ESJC “[...] Não sei se sou filho de Deus [...]” (p. 298);

ESJC “[...] Lembro-te, ó Pilatos, que este homem também tem afirmado que é filho de Deus, Não é verdade, apenas digo que sou filho do Homem, respondeu Jesus [...]” (p. 372);

BÍBLIA “Àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis.” (Jo 10.36,37);

© Para a cultura judaica, onde tanto o Jesus saramaguiano quanto o bíblico está inserido, o culto à memória através da paternidade é um argumento de autoridade para a história de um homem. Logo, Saramago tenta desautorizar a história do Jesus bíblico mediante a negação de sua paternidade divina, tornando-o mais uma vez puramente humano.

ESJC “[...] Não criei nenhum mundo, não posso avaliar, disse Jesus [...]” (p. 309);

BÍBLIA “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” (Jo 1.1-3);

© Nessa passagem de seu livro, o autor português tenta negar a existência da Trindade divina. Como fora explicitada na segunda seção deste trabalho, essa doutrina apregoa que Deus é trino e todas as pessoas são coexistentes e eternas. Mais uma vez, a ênfase recai sobre a natureza humana da personagem Jesus.

ESJC “[...] Haverá uma Igreja [...] que tu fundarás [...] chamar-se-á católica [...]” (p. 316);

© Aqui me limito a apenas um comentário, pois não há qualquer referência na Bíblia acerca da fundação de uma igreja específica. Acima há a visível oposição do autor à Igreja que adotou os ensinamentos de Cristo. Outro fato curioso é que, para os católicos, o fundador da igreja foi (São) Pedro, mas, para o autor, foi a própria personagem. Nota-se aqui, a crítica clara de Saramago à Igreja Católica, que se depreende através do texto saramaguiano ter abandonado os princípios éticos que, supostamente, estaria a Igreja fundada.

ESJC “[...] [Jesus] pergunta aqui ao teu Pastor [diabo] [...]” (p. 318);

BÍBLIA “O SENHOR é o meu pastor, nada me faltará.” (Sl 23.1).

© Uma subversão total, pois o Pastor, entendido no texto saramaguiano como mentor, é o diabo.

ESJC “[...] se preparem para o novo tempo de Deus que aí vem, o tempo em que sua espada flamejante obrigará a dobrar o pescoço àqueles que tiverem rejeitado a sua palavra e sobre ela cuspidos [...]” (p. 331);

BÍBLIA “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus.” (Mt 5.44);

© A Bíblia ensina a seus seguidores o dom de amar uns aos outros; agora que os fiéis o cumpram, aí é outra história. E há que se reconhecer por aqui que a “Santa Inquisição”, que de santa tinha só o nome mesmo, é uma das páginas

mais negras da História e que abalou firmemente a moral da Igreja Católica nos séculos posteriores. Aqui ainda cabe citar o triste episódio histórico denominado de “Cruzadas” ou “Guerra Santa”, o que, também nos lembra da *Jihad*, ou em outras palavras, a busca pela fé perfeita perseguida por radicais islâmicos no mundo atual. Como vemos, quando o assunto é Religião, o sangue sempre marcará a história: seja por remissão de pecados ou por grupos extremistas que corrompem a sua essência.

ESJC “[...] Não tenho poder contra a morte [...]” (p. 339);

BÍBLIA “Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.” (Jo 10.17,18).

© Saramago nega a doutrina essencial do Cristianismo: a ressurreição de Cristo. Nisso, procura demonstrar que a morte de Jesus foi somente uma entre milhares durante a História. Entretanto, a Bíblia relata a voluntariedade de Cristo, em oposição à obrigatoriedade de morte imposta no livro do autor português. Com isso, temos o efeito da negação do escrito bíblico em prol de uma desconstrução severa do imaginário coletivo, procurando focar na natureza estritamente humana da personagem.

ESJC “[...] os discípulos [...] nada fizeram [...]” (p. 369) [ato da prisão de Jesus];

BÍBLIA “Então Simão Pedro, que tinha espada, desembainhou-a, e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. E o nome do servo era Malco.” (Jo 18.10).

© Com uma pequena alteração do texto, o laureado procura demonstrar a passividade e a solidão em que o ser humano se encontra na sociedade, não só atual como em tempos passados. Com isto, também demonstra que os

discípulos, sejam eles os da obra ficcional como os da Bíblia, nada entendiam do que sucedia em ambas as ações, desempenhando assim seu papel secundário na fundação de uma nova Religião, objeto este, tratado em ambos os escritos.

ESJC “[...] Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.” (p. 374);

BÍBLIA “E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lc 23.34).

© Com a completa subversão da História, Saramago termina seu (des)evangelho com a inversão de valores tradicionais, ou seja, a culpa do pecado expiado por Jesus na cruz não serviu para salvar os humanos da condenação, mas sim, metaforicamente, acaba por abrir-lhes os olhos para a advinda era da Razão, fundamentada em um Evangelho humanista.

3.5 A JORNADA DO JUDEU ERRANTE “CAIM”

Se no seu primeiro escrito apócrifo, Saramago narra a ascensão humana até a idade da Razão, no seu segundo, após passar pela Cegueira e voltar à Lucidez, o autor narra a jornada do moderno judeu errante Caim.

Nela, o leitor é jogado num espectro de lugares, onde Caim ora honra seu nome (“possuído”, “adquirido”), ao demonstrar pertencer ao mundo em que está inserido, ora nos mostra o completo desprendimento do lugar.

Sua história passa pelo Monte Moriá, no episódio de Abraão e Isaac¹¹, na Torre de Babel, volta para o anúncio do nascimento de Isaac, vai para Sodoma e

¹¹ Embora possa causar um estranhamento inicial, optei por manter a grafia original do nome das personagens por respeito à decisão do autor que, em seus livros, opta por manter a grafia vigente em Portugal.

Gomorra, passa pelo Monte Sinai, no episódio do bezerro de ouro. Após isso, sabe acerca do episódio do incesto de Lot e suas filhas.

No capítulo oitavo, Caim participa da guerra com os madianitas, depois vai a Jericó e vê a liderança de Josué, após volta a Terra de Nod, visita a terra de Us e o patriarca Job, e finaliza, na construção da Arca, que ao invés de ser de Noé, mostra-se ser de Caim.

Ao que se vê, há o mesmo final em ambos os livros abordados nesse trabalho. Tanto no *ESJC* como em *Caim* a finalização da história se dá em um barco. Resta saber se este barco conduzirá o leitor ao Paraíso ou à Condenação. Portanto, cabe a ele decidir seguir o judeu errante ou não.

CAIM	“[...] o senhor quis comprovar que o seu erro havia sido corrigido [...]” (p. 10) [episódio da criação do homem];
CAIM	“[...] sua cegueira de progenitor [...]” (p. 13);
CAIM	“[...] emendar uma imperfeição de fabrico que, finalmente percebera, desfeava seriamente as suas criaturas, e que era, imagine-se, a falta de um umbigo.” (p. 15);
BÍBLIA	“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...]” (Gn 1.26);
BÍBLIA	“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.” (Gn 1.27);
©	Honrando sua fórmula romanesca, Saramago inicia seu livro, mais uma vez, procurando negar a infalibilidade de Deus. A Bíblia, juntamente com os estudos teológicos, por outro lado, assevera que na Dispensação da Inocência, homem e mulher eram perfeitos em tudo.

CAIM	“Este episódio, que deu origem à primeira definição de um até aí ignorado pecado original, nunca ficou bem explicado.” (p. 12);
------	---

BÍBLIA “E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.” (Gn 3.6);

© Particularmente não considero a expressão “pecado original”; penso ser, unicamente “primeiro pecado”. Segundo os escritos bíblicos, a mulher e o homem comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, assim, desobedeceram a Deus, o que, na tradição religiosa, caracteriza uma atitude pecaminosa.

CAIM “[...] homens, para sempre marcados por esse irritante pedaço de maçã [...] (p. 15);

BÍBLIA “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gn 2.17);

© Está escrito na Bíblia que o homem comeu o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ou seja, a partir desse momento, entrou na Dispensação da Consciência. Nisso, esclareço que o termo maçã advém da palavra latina *malum*, que também caracteriza a palavra mal. Então, por tradição, a Igreja Católica difundiu no imaginário popular a crença de que o homem e a mulher provaram uma maçã. Entretanto, a Bíblia, por si só, não nos autoriza a tal especulação. Outro fruto aceitável pela tradição é a romã que, recorrendo-se ao mito de Perséfone, seria responsável pela ligação com os domínios do mundo de Hades. Outro fator relevante é que no Museu Judaico de Berlim há a demonstração da romã como símbolo da árvore do Paraíso Perdido.

CAIM “Estava claro, o senhor desdenhava caim.” (p. 33);

BÍBLIA “Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar.” (Gn 4.7);

BÍBLIA “Se tivesse feito o que é certo, você estaria sorrindo; mas você agiu mal, e por isso o pecado está na porta, à sua espera. Ele quer dominá-lo, mas você precisa vencê-lo.” (Gn 4.7 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje);

BÍBLIA “Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas.” (1 Jo 3.12);

© Segundo a Bíblia de Estudo Pentecostal (1995, p. 38), “a oferta de Caim foi rejeitada porque ele estava destituído de fé sincera e obediente, e porque as suas obras eram más”. Segundo Saramago, o Senhor simplesmente repudiava Caim.

CAIM “[...] É simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti [Deus] [...]” (p. 35);

BÍBLIA “Então disse Caim ao SENHOR: É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada.” (Gn 4.13);

© Na Bíblia, Caim demonstra uma atitude de arrependimento diante de sua atitude; em Saramago, o Deus humanista, criação dos homens, é quem deve ser morto por suas culpas.

CAIM “Caim já entrou, já dormiu na cama de Lilith [...]” (p. 60);

BÍBLIA “E conheceu Caim a sua mulher [...]” (Gn 4.17);

© Adão e Eva tiveram filhos e filhas (Gn 5.4). Logo, segundo a Bíblia Apologética de Estudo (2010, p. 11), “Caim e Sete casaram-se com suas próprias irmãs”. Em nenhuma passagem das Escrituras se tem o registro do nome das filhas de Adão, ou então da esposa-irmã de Caim. Isso acontece, porque na história saramaguiana Adão e Eva, e seus filhos, não são os únicos habitantes na terra. Por isso, Caim pode optar por casar com alguém fora de seu círculo familiar. Nela, Caim casa com a personagem Lilith, que

nos conduz até a cultura mesopotâmica, onde era uma deusa adorada por ser associada aos ventos e às tempestades. Na cultura judaica, entretanto, é tratada como um demônio noturno, e se atentarmos para o Alfabeto de Ben-Sira, pertencente ao folclore hebreu, a temos como a primeira mulher criada por Deus e, conseqüentemente, esposa de Adão. Se tomarmos a interpretação por esse viés, além de um visível complexo edipiano, constatamos uma profanação do leito patriarcal da humanidade. Em outras palavras, Lilith, em Saramago, seria a subversão do início da História da humanidade.

CAIM “[...] Os meus dias não terão fim, respondeu caim [...] (p. 65);

BÍBLIA “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor.” (Rm 6.23);

© Pela tradição bíblica, o sinal na testa de Caim evitava que ele fosse ferido por alguém; contudo, não lhe outorgava uma vida eterna, pelo contrário, Caim morreu, simplesmente, de modo natural.

CAIM “[...] o senhor não é pessoa em quem se possa confiar.” (p. 78-79);

BÍBLIA “Entrega o teu caminho ao SENHOR; confia nele, e ele o fará.” (Sl 37.5);

© Negando e subvertendo uma das maiores pregações do Cristianismo, Saramago demonstra que sua personagem Deus é, na verdade, um semideus, pois possui natureza divina, com os poderes que lhe conferem, mas ao mesmo tempo, possui atribuições humanas, como, por exemplo, o fato de cometer erros. Em Saramago, Deus é humano e humanos são deuses, na medida em que a equiparação entre a classe humana e a divina ocorre.

- CAIM [...] além de tão filho da puta como o senhor, abraão era um refinado mentiroso [...]” (p. 79);
- CAIM “[Na arca de Noé] Centenas, para não dizer milhares de animais, muitos deles de grande porte, enchiam a abarrotar os porões e todos cagavam e mijavam que era um louvar a deus.” (p. 165);
- BÍBLIA “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.” (Gl 6.7);
- © Em primeiro lugar, se levarmos a expressão (filho da puta) ao pé da letra, notaremos um ataque indireto às crenças católicas, pois a Igreja diz ser Maria “a mãe de Deus”. Quanto à segunda declaração, com ironia mordaz, o autor escarnece das ideias dos escritos sagrados, subvertendo-os de tal forma a provocar em uns, riso, e em outros, indignação.

- CAIM [...] Quem é você, Sou caim, sou o anjo que salvou a vida de isaac.” (p. 80);
- BÍBLIA “Mas o anjo do SENHOR lhe bradou desde os céus, e disse: Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui.” (Gn 22.11);
- © Para esclarecer a polêmica acerca do anjo do SENHOR descrito acima, trata-se, de acordo com a Bíblia Pentecostal de Estudo, de “uma aparição do Cristo eterno, a segunda pessoa da Trindade, antes de nascer da virgem Maria” (1995, p. 387). Em Saramago, Caim é apresentado como o anjo que salvou a vida de Isaac, mas que durante todo o romance pode salvar a humanidade de Deus. E assim, obtemos, a subversão da ideia original de anjo, ou seja, sua demonização, na tentativa de destruir seu Criador.

- CAIM “[...] Então o senhor é rancoroso, Acho que sim, respondeu abraão [...] (p. 82);

BÍBLIA “Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete; mas, até setenta vezes sete.” (Mt 18.21,22);

- © Novamente, Saramago reafirma a mensagem que quer passar para seus leitores: “Sois como deuses”, pois, ao mesmo tempo que distancia os seres humanos de Deus, acaba aproximando-os através das similaridades existentes entre eles. Dessa forma, os limites entre o divino e o humano em Saramago praticamente inexistem.

CAIM “A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele.” (p. 88);

BÍBLIA “Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.” (Hb 11.6);

- © Talvez essa seja a razão porque Saramago nunca compreendeu a existência de Deus, uma vez que nunca creu na existência Dele. Contudo, seu conhecimento bíblico é admirável, pois é evidente em seus textos a leitura das minúcias bíblicas por parte do autor. Assim, é natural a frase de Caim, pois os seres humanos sempre tentarão a compreensão do mundo metafísico, do que está além dessa vida. O primeiro passo passa por crer em algo, seja em Deus ou não.

CAIM “Como imparcial juiz que sempre se havia prezado de ser, embora não faltassem acções suas para demonstrar precisamente o contrário [...]” (p. 92);

BÍBLIA “A tua justiça é uma justiça eterna, e a tua lei é a verdade.” (Sl 119.142);

- © Discrepância entre as histórias, visões diferentes daquilo que chamamos de justiça, seja ela, divina ou humana. Nessas alturas da história de Caim, não

importa mais, pois depreende-se do enredo que os seres humanos sempre foram injustiçados: seja por Deus ou por eles mesmos.

CAIM “[...] Penso que havia inocentes em Sodoma e nas outras cidades que foram queimadas [...] As crianças, disse Caim, aquelas crianças estavam inocentes [...]” (p. 97);

BÍBLIA “[...] não deixo de castigar os seus filhos e até os netos, os bisnetos e os trinnetos pelos pecados dos pais.” (Ex 34.7b – Nova Tradução na Linguagem de Hoje);

© Assumindo um conceito de hereditariedade, bíblicamente todas as pessoas em Sodoma e Gomorra eram culpadas, até as crianças. Contudo, assumindo um prisma de que as crianças não têm a faculdade de escolha plenamente desenvolvida, Saramago tem fundamentação no que argumenta.

CAIM “[...] Farei o possível, já que o impossível não se pode.” (p. 119) [A resposta de Deus a Josué];

BÍBLIA “Porque para Deus nada é impossível.” (Lc 1.37);

BÍBLIA “Mas ele respondeu: As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus.” (Lc 18.27);

© Aqui temos um claro confronto entre Fé e Razão, crença em um mundo físico *versus* um mundo metafísico. Considero a expressão de que “religião não se discute” um tanto quanto equivocada nos dias atuais em que a proliferação científica permite ricos diálogos. Penso ser a religião discutível com diálogos de ordem científica, como qualquer texto que se possa produzir das mais diversas áreas do conhecimento acadêmico. Logo, num plano textual, equiparam-se as ciências, podendo-lhes legar autoridade ou não, mediante a ligação textual com assertivas provenientes das áreas envolvidas. Concluindo, os estudos Teopoéticos podem nos legar através de análises

comparativas profícuas discussões literárias que podem alterar significativamente com a compreensão do sagrado na sociedade humana.

CAIM “[...] nunca, nem antes nem depois, houve um dia como aquele, em que o senhor [...] deu ouvidos à voz de um homem.” (p. 121);

CAIM “[...] O senhor não ouve, o senhor é surdo [...]” (p. 136);

CAIM “[...] o nosso deus, o criador do céu e da terra, está rematadamente louco [...]” (p. 128);

BÍBLIA “E ouviu Deus a Leia, e concebeu, e deu à luz um quinto filho.” (Gn 30.17);

BÍBLIA “E lembrou-se Deus de Raquel; e Deus a ouviu, e abriu a sua madre.” (Gn 30.22);

© A carnavalização saramaguiana de Deus passa pelos sentidos humanos e pela sanidade mental. Então, em Caim vemos um Deus surdo e louco, no Memorial do Convento, Ele é maneta, e assim temos a simbólica desconstrução física da divindade Deus, transformando-o em mero ser mortal passível de falhas e sentimentos humanos.

CAIM “[...] A cidade também se chama enoch, lembrou lilith, Como o meu filho, Sim, E quem foi que lhe deu o nome, A quem, À cidade, O nome pôs-lho noah [...]” (p. 126);

BÍBLIA “E conheceu Caim a sua mulher, e ela concebeu, e deu à luz a Enoque; e ele edificou uma cidade, e chamou o nome da cidade conforme o nome de seu filho Enoque.” (Gn 4.17);

© Uma leve modificação do texto, que induz a leve modificação do imaginário popular frente aos mitos bíblicos. Sua escolha deve-se ao fato de haver uma ruptura brusca das crenças internalizadas no imaginário coletivo, mediante também, à subversão de detalhes tidos até então como históricos.

CAIM “[...] deus não nos ama [...]” (p. 135);

BÍBLIA “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3.16).

© A ruptura acima indica que Caim, além de um livro *apócrifo*, é também uma espécie de 2º (des)evangelho saramaguiano pois as ideias de o ESJC permanecem exatamente as mesmas em Caim, com pequenas diferenças no enredo de ambas as obras.

CAIM “[...] o mais certo é que satã não seja mais que um instrumento do senhor, o encarregado de levar a cabo os trabalhos sujos que deus não pode assinar com seu nome.” (p. 140);

© Essa citação corrobora com o comentário anterior. Por isso, apenas me limito a reafirmar que as personagens Deus e diabo/satã, assim como a figura do narrador nas obras de Saramago, são os grandes responsáveis pelas subversões textuais.

CAIM “Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu [...]” (p. 172);

BÍBLIA “Agora, pois, seja o temor do SENHOR convosco; guardai-o, e fazei-o; porque não há no SENHOR nosso Deus iniquidade nem acepção de pessoas, nem aceitação de suborno.” (2 Cr 19.7);

© Certamente, Saramago e a Bíblia possuem visões diferentes de Deus. Logo, cabe à Academia fazer o diálogo entre os dois textos, e assim, legar aos

leitores as contribuições para que eles decidam seguir ou criar, a partir de suas próprias conclusões, aquilo a que venham denominar como verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o início das considerações finais ressalta-se que o campo pesquisado é vastíssimo, e apresenta uma riqueza de ideias que poderiam estar presentes nestas linhas, mas que não estão devido à concisão com que o assunto deve ser tratado. Infelizmente, muita coisa interessante teve de ser retirada do corpo textual em nome da coesão.

Entretanto, obtiveram-se relevantes conclusões, primeiramente, acerca da obra de José Saramago, depois sobre a influência dos escritos sagrados na vida das pessoas e, por último, o quão rico é mixar verdades e chegar à construção de uma nova visão, regada sob os prismas da Teopoética.

Saramago, desde que me foi apresentado há cerca de sete anos, mostrou-me ser um sol em um universo de escuridão, uma lúcida voz em um meio cercado pela surdez envolta por uma cegueira, aparentemente, impregnada na visão humana do sagrado. Meu trabalho, apesar de horas ser discordante com ele, não esconde a minha admiração pela sua inegável beleza estilística que, permeada por uma fina camada humorística, embrulha precisas declarações irônicas, que transformam seus escritos em verdadeiros presentes à humanidade contemporânea.

Como já dito na Introdução deste trabalho, procurei, diligentemente, apresentar uma pequena contribuição às várias leituras já feitas de sua obra, tentando mirar em um novo enfoque, na tentativa de esclarecer pontos obscuros, componentes tanto da obra saramaguiana como dos escritos bíblicos.

Evidencia-se neste trabalho um claro confronto entre o Humanismo e o Cristianismo. Está patente que Saramago via a Literatura como uma forma de questionar os fatos. Todavia, à medida que se analisam os discursos do autor e a “Teologia do ateu” que se manifesta em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*,

percebe-se que o fruto de tais questionamentos punha a própria identidade do autor em crise, tendo em vista suas eventuais contradições discursivas.

A partir de inferências, nota-se um Saramago que transparecia em suas personagens, não os questionamentos da humanidade contemporânea, mas sim, colocava o seu próprio “benefício da dúvida” em foco. O fato de Saramago ser uma planta que possui flores com corola em forma de cruz, ironicamente, por bacanal destino, o tenha influenciado a questionar os valores que por ser português de nascença, utilizando-se do seu Determinismo do meio, deveriam ser intrínsecos à sua vivência.

Após isso, uma das conclusões a que chego é que o “problema” inicial em Saramago não são os seres humanos em si, mas sim, as criações advindas da mente deles. Exemplo disso é a Igreja Católica, com quem sempre manteve um relacionamento conflituoso. Entretanto, para comprovar minha teoria acima, Saramago era amigo de Juan José Tamayo, um teólogo.

Saramago sentia que Instituições religiosas eram um atrapalho ao desenvolvimento da humanidade, entretanto, sabia reconhecer que Deus e demais personagens bíblicos eram riquíssimas fontes de histórias, que além de venderem bastante, tiram o ser humano do seu lugar de conforto.

Sobre as instituições, temia pela liberdade intelectual humana, pois sempre recordava a trágica Idade das Trevas. Contudo, sua oposição a movimentos religiosos jamais o impediu de admirar grandes líderes, como foi no caso de Martin Luther King.

Comprova-se isso em seus escritos em que se utiliza de uma velha fórmula de romance histórico: imbricam-se na História, conhecem-na, usam-na, abusam dela, para, enfim, rompê-la. Ao fazer isso, procura demonstrar a dualidade humana, mas ao mesmo tempo, desconstruí-la, tentando evidenciar que entre o bem e o mal existem seres humanos como barcos à deriva no oceano em que se constitui a vida humana. Sendo assim, até a dualidade em Saramago é posta em dúvida em sentido existencial e conceitual.

Tanto em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* quanto em *Caim*, Saramago ressuscita o antigo mito de Caronte para convencer a humanidade de que a separação entre vivos e mortos, ou seja, a divisão entre mundo físico e mundo metafísico é de natureza aquosa, fluida, sendo assim, dúbia ao entendimento humano.

Nos textos saramaguianos o leitor, metaforicamente, se encontra em uma bela praia Caribenha, rodeada por seu estilo subversivo e, portanto, diferente do resto do mundo, aliado à ironia de que mesmo havendo escritos gélidos por parte de outros autores, em Saramago vive-se em eterno verão. Entretanto, sua beleza é arenosa, esperando que ao mínimo sinal de descuido, o leitor venha a afundar-se nos movediços conceitos apregoados por ele.

Sua subversão aliada a um humor corrosivo procura ressaltar que Deus é um mero produto comercializado por Instituições na forma de indulgências em busca de um suposto Paraíso Perdido.

Em sua filosofia ateia prega a inacessibilidade divina aos homens, contudo, aproxima seu personagem Deus dos seres humanos de tal maneira a equipará-los, dessa forma, o primeiro perde a majestade e os outros viram semideuses, a partir da demonstração de que os seres humanos impregnados da luz da Razão podem sobrepô-lo.

Seu cânon, aliás, uma *semirréplica*, na medida em que se aproxima, a partir do poder de convencimento da Palavra, do escrito bíblico, procura a demonização do divino, tornando-o próximo ao humano, e, portanto, suscetível a erros, ao mesmo tempo que exalta a faculdade mental humana ao fundar na Razão seus princípios para uma superação do conflito no romance.

Dessa forma, há a relativização dos conceitos religiosos. O derramamento de sangue, por exemplo, ao invés de salvar, condena o homem às fatídicas disputas por poder em prol da busca de um aperfeiçoamento da Fé em detrimento de ações básicas como a igualdade da qualidade de vida, primariamente, pregada pelos escritos sagrados.

Por outro lado, para a Bíblia é salutar o diálogo contrastivo, ao passo que retorna a estar em voga, em um século em que predominam as luzes do Humanismo cético.

Os escritos do laureado, por sua vez, sob uma visão religiosa tradicional, são heréticos, verdadeiras aberrações aos ensinamentos. Contudo, sob o prisma materialista da História, nada mais são do que a tentativa da reescritura de um imaginário já estabelecido.

Seu quinto Evangelho, apócrifo em relação à Bíblia, como já dito, herético para a Religião, contudo, é tratado aqui como um escrito não autorizado, uma vez que por discordar da visão tradicional e ter um caráter humanista, obviamente, não está incluso no cânon bíblico.

Se Nietzsche proclamou que “Deus está morto”, Saramago entevia que Deus efetivamente não está, mas poderá estar no dia em que os homens obtiverem a total compreensão daquilo que é o sagrado.

Por conseguinte, considero a acentuação das discussões Teopoéticas um ganho às teorias modernas, pois ao investigar esse campo, obtive uma melhorada compreensão dos mistérios que tangem o processo evolutivo do pensamento humano.

Enfim, para a epígrafe deste trabalho, citei José Saramago. Para encerrá-lo, recorro novamente ao autor português. Antes, contudo, desejo lembrar ao leitor que o avô de Saramago abraçara misteriosamente suas árvores antes de morrer. O autor, por outro lado, em seu último livro publicado em vida, misteriosamente, nos legou uma assertiva de grande valia para a ocasião:

“A história acabou, não haverá nada mais que contar” (2009, p. 172).

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BEZERRA, Benedito Gomes. *Questões de gênero em traduções da Bíblia para português e inglês: uma abordagem comparativa*. 2011. Disponível em <<http://www.dissoc.org/ediciones/v05n03/DS5%283%29Gomes.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Apologética de Estudo*. Tradução: Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original. Jundiaí: ICP, 2010.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Tradução: Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Plenitude para Jovens*. Tradução: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BÍBLIA ONLINE. Home page: <<http://www.bibliaonline.com.br/>> Acesso em: 17 jun. 2011.

BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades Sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*. Trad. Alípio Correa de Franca Neto e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2010.

CHAUÍ, Marilene. *A nervura do real: Imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Les traducteurs dans l'histoire*. Ottawa: Université, 1995.

ECO, Umberto. O sagrado não é uma moda. In: *Viagem na irrealidade cotidiana* (Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ENGLER, Steven. Translation, tradition and the eternal present of the sacred text. In: *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 225-241.

EVANS, C. Stephen. *Dicionário de apologética e filosofia da religião*. Tradução: Rogério Portella. São Paulo: Vida, 2004.

FERRAZ, Salma. *O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. *A esfinge pejada de mistérios: travessias e travessuras de Judas*. Estudos da Religião: São Bernardo do Campo, ano 20, dez. 2006.

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. *Prêmio Nobel, 16 anos*. Disponível em: <<http://www.josesaramago.org/premio-nobel-16-anos/>>. Acesso em: 15 out. 2014.

FURLAN, Mauri. A teoria de tradução de Lutero. In: ENDRUSCHAT, A.; SCHÖNBERGER, A. (Org.). *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004. p. 11-21.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.

GALASSO, Giuseppe. Ateu. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1987, v. 12.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GASPARI, Silvana de. Tecendo Comparações entre Teologia e Literatura. In: FERRAZ, Salma (Org.). *Pólen do divino: textos de teologia e literatura*. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: FAPESC, 2011.

GÓES, Ludenbergue. *Todos os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura*. São Paulo: Global, 2010.

HUMANIST Manifestos I and II. Disponível em: <<http://www.jcn.com/manifestos.html>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

KARL MARX. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx> Acesso em: 28 maio 2014.

KONINGS, Johan. *Tradução e Traduções da Bíblia no Brasil*, 2003. Disponível em <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/574/998>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.

LENINISMO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo-leninismo>> Acesso em: 28 maio 2014.

LOPES, João Marques. *Saramago – Biografia*. São Paulo: Leya, 2010.

LOPES, Marcos Aparecido. In: FERRAZ, Salma; MARIN, Jérri Roberto; LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Org.). *Sois como deuses: textos de teologia & literatura*. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O sagrado na poesia e na religião. In: FERRAZ, Salma (Org.). *Pólen do divino: textos de teologia e literatura*. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: FAPESC, 2011.

MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NEUSCH, Marcel. *Aux sources de l'athéisme contemporain*. Paris: Le Centurion, 1977.

NOBELPRIZE.ORG. *The Nobel Prize in Literature 1998*. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/index.html> Acesso em: 22 out. 2014.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Almedina, 1995.

ROANI, Gerson Luiz. *No limiar do texto: literatura e história em José Saramago*. São Paulo: Annablume, 2002.

ROANI, Gerson Luiz. *Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis*. São Paulo: Scortecci, 2006.

SANT'ANNA, Jaime dos Reis. *Em que creem os que não creem: o sagrado em José Saramago*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *In Nomine Dei*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean Paul; EHRENBURG, Ilia; PINGAUD, Bernard; ROBBE-GRILLET, Alain. *Cadernos de literatura: romance e realidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1969.

SCHAEFFER, Francis A. *O Deus que intervém: o evangelho para o homem de hoje*. 2. ed. Brasília: Refúgio, 1985.

SILVA, Antonio Gilberto da. *Bibliologia: Introdução ao Estudo da Bíblia*. Campinas: EETAD, 1995.

_____. *Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical*. 17. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SILVA, Tereza Cristina Cerdeira da. O quinto evangelista ou da tigela ao graal. *Anais do XIV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*. Porto Alegre: Edipuc, 1994.

SOARES, Esequias. *Manual de Apologética Cristã: Defendendo os Fundamentos da Autêntica Fé Bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

SOUZA, José Pinheiro de. *Teorias da Tradução: Uma Visão Integrada*. Revista de Letras n. 20. vol 1/2. Jan/Dez. 1998.

TENÓRIO, Waldecy. A confissão da nostalgia. In: LOPONDO, Lilian (Org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. Tradução: Hélio L. Grellmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

YOUNGBLOOD, Ronald F; BRUCE, F.F.; HARRISON, R.K.; *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. Tradução: Lucília Marques Pereira da Silva...[et al.]. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZOGBO, Lynell. *A Bíblia Judaico-cristã*, 2012. Disponível em <<http://getiunasp.files.wordpress.com/2012/03/a-bc3adblija-judaico-cristc3a3.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2014.